



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

**COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E
CULTURA**

GUSTAVO AFFONSO DE CARVALHO SANTOS

JANELA DE SANKOFA

Salvador

2013.2

GUSTAVO AFFONSO DE CARVALHO SANTOS

JANELA DE SANKOFA

Roteiro ficcional e Memorial do Trabalho de Conclusão de Curso apresentados à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Sadao Nakagawa

Salvador

2013.2

BANCA EXAMINADORA

Fábio Sadao Nakagawa

Regina Lucia Gomes Souza e Silva

Leonardo Abreu Reis

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso consiste em um roteiro ficcional de longa-metragem para audiovisual, intitulado “Janela de Sankofá”. O seu enredo não segue uma sequência cronológica, característica das narrativas não-lineares, tendo a sua estrutura representada em um diagrama. A feitura do roteiro se deu após os processos de construção do perfil dos personagens, argumento e escaleta.

Palavras-chave: Roteiro ficcional; Narrativa não linear; Cinema.

Sumário

Introdução.....	06
PARTE I - A METALINGUAGEM DO ROTEIRO JANELA DE SANKOFA.....	09
A elaboração da ideia	10
A storyline	12
O argumento	12
A escaleta.....	20
A narrativa não linear	28
PARTE II – O ROTEIRO DO LONGA-METRAGEM JANELA DE SANKOFA.....	37
Considerações finais	38
Referências Bibliográficas	39

Introdução

Assistir filmes e pensar sobre os seus enredos sempre foi para mim uma paixão, bem como escrever histórias sempre foi para mim um desafio. O primeiro roteiro que escrevi foi um curta-metragem para avaliação da disciplina de Audiovisual no segundo semestre do curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura. Naquele momento, eu tinha acabado de fazer um curso básico de roteiro e direção e estava entusiasmado com a ideia de escrever e filmar. A experiência foi muito positiva e decidi que, caso tivesse alguma boa história para contar ao fim do curso, meu projeto de conclusão seria um curta-metragem. Durante a primeira metade do curso de Comunicação, estagiei como assistente de direção num curta-metragem e como montador numa produtora de vídeo, o que me manteve em contato com audiovisual. Já no quinto semestre, comecei a me envolver com música. Tinha uma banda que estava gravando um disco e começando a fazer shows, e resolvi me dedicar a isso. A música estava me interessando e tomando tempo, ao passo que o trabalho na produtora estava ficando cansativo, então resolvi sair do estágio. Ainda montei um videoclipe para a minha banda, mas exceto isso me afastei completamente da prática do audiovisual. No entanto, mantive firme a ideia de produzir um vídeo como projeto para graduação – só me faltava a tal da boa história. A história não veio e, já no fim do curso, entrei num grupo de pesquisa sobre música digital e estava certo de fazer uma monografia sobre a indústria fonográfica. Já tinha feito o anteprojeto todo voltado para isso quando me veio a tal da ideia que eu julgava ser capaz de gerar uma boa história. Mesmo afastado da escrita e produção audiovisual há um bom tempo, resolvi encarar e pedi ao professor Fábio Sadao, faltando uma semana para entregar o termo de aceite, que me orientasse. Ele disse que precisaria conversar comigo para dar uma resposta. Ainda não tinha nada escrito, então levei alguns minutos tentando contar uma ideia que me parecia estar soando confusa e com

personagens mal definidos. Pensei que a orientação me seria negada, mas ao fim da apresentação da ideia o que ouvi já foram observações sobre a história e dúvidas sobre a estrutura narrativa. Abandonei o grupo de estudos em música digital e fui me dedicar ao roteiro. O que eu já tinha estudado sobre estruturação de histórias era o básico, e a história que eu queria contar exigia um esforço justamente na forma de ser contada, por envolver múltiplas tramas e narrativas não lineares. Estava adentrando um terreno incerto e sem fórmulas. Peguei sugestões de leitura e me debrucei para contar a história que tinha da melhor forma possível.

Uma história na cabeça é muito diferente de uma história no papel, então quando comecei a escrever o argumento de Janela de Sankofa me deparei com algumas dificuldades. Eu queria interligar as histórias de: uma imigrante clandestina que come um ebó; um professor solitário que atropelou uma pessoa; uma jovem estuprada que não sabe se engravidou do namorado ou do agressor. Daí até chegar no argumento final tive que mexer muito nos personagens e na narrativa. Como estava contando a história de três personagens, e a intenção era que tivessem importância igual na trama, tive que abrir mão de discorrer sobre as suas vidas – o que seria justificativa dos seus conflitos internos – para construir os perfis focando nos conflitos externos. Clara deixou de ter um drama com um namorado para ter amigos dando suporte no processo do aborto e da resolução espiritual; Guill deixou de ter o seu passado na Bolívia encenado, para não ficar confuso e dar tempo de construir melhor os motivos da sua ida abrupta para Salvador; René deixou de atropelar alguém pois teria implicações legais, e ainda possibilitou postergar a revelação da identidade da atropelada para o final. Inicialmente as histórias estavam muito menos interligadas, com grandes blocos – ou capítulos – para cada personagem. Desta forma, ficava confuso contar a história de Clara de forma não linear. A partir do momento que picotei as sequências foi mais natural encaixar as histórias que, à primeira vista, não se relacionavam. Posso dizer que o passo mais importante neste momento introdutório foi perceber que a narrativa deveria ser não linear por necessidade

dramática, e não por vontade estética. Desta forma, as coisas fluíram mais facilmente e pude prosseguir para a parte mais volumosa do trabalho: as cenas e diálogos. Este trabalho tem na narrativa a sua parte mais trabalhada. Escrever um roteiro de longa-metragem normalmente exige muito mais tempo do que tive disponível, então, apesar de acreditar que tenho uma história bem contada, acho que os seus diálogos e cenas ainda tem muito a crescer.

PARTE I – A METALINGUAGEM DO ROTEIRO JANELA DE SANKOFA

1.1. A elaboração da ideia

O ponto de partida para a construção da história que originou o roteiro *Janela de Sankofa* foi uma situação que presenciei no início de 2013. Estava parado em um engarrafamento na orla do bairro Boca do Rio, em Salvador, quando notei um cachorro de rua com a cabeça enfiada no mato, em uma bifurcação. Ao me aproximar um pouco mais, vi que o animal estava lambendo um prato típico de oferenda candomblecista, em meio a garrafas e flores. Fiquei instigado com a cena e, ignorante sobre o que a religião prevê como consequência para tal ato, me perguntei o que aconteceria com aqueles que se alimentam de comida deixada como oferenda para orixás. Seriam amaldiçoados os que não tem conhecimento da sacralidade do prato? A premissa me pareceu interessante para iniciar uma história, então comecei a pensar em como um cachorro, supostamente amaldiçoado, poderia gerar uma intriga. Logo me dei conta que seria muito mais interessante se, em vez de um bicho, uma pessoa comesse a oferenda, então eliminei o cachorro. Mas quem, em sã consciência, teria coragem para comer um prato de ebó? Certamente ninguém com conhecimento da cultura local se arriscaria, então pensei numa situação onde alguém alheio à ideia de macumba estaria faminto e encontrasse um ebó na rua. Mas como isso seria possível se os que passam fome em Salvador são, em sua grande maioria, nativos com pelo menos uma ideia do que representam aqueles pratos de barro ornados e deixados em esquinas? A solução foi colocar um estrangeiro completamente ignorante em relação a religiões de matriz africana – portanto recém-chegado em Salvador – na rua, passando fome. Aí eu já tinha um personagem e uma ação dramática.

Sempre me interessei por filmes com múltiplas tramas, sem protagonista definido, então decidi que queria contar três histórias distintas, de personagens que não se conheciam, mas que teriam suas trajetórias cruzadas em algum ponto. Como minha intenção temática não era explicar ou propor teses sobre as consequências de se comer um ebó, estabeleci que esta ação

seria apenas facilitadora do encontro entre os personagens. Na primeira versão da história, René atropelava Guill após ela comer o ebó e prestava socorro, levando-a para um hospital. Guill precisava de uma cirurgia específica para sobreviver e o único médico, capaz de fazer a operação, estava prestes a fazer o aborto em Clara. O médico abandonava Clara na mesa de cirurgia para operar Guill e, então, Clara desistia do aborto. O ebó ainda não tinha nada a ver com a história de Clara, que tinha um drama com um namorado. Por consequência da orientação com o professor Fábio Sadao, percebi que a história de René e Guill estavam muito interligadas e a de Clara passando por fora, sem grande relevância, além de que havia um personagem-muleta (o médico) necessário para que as histórias se cruzassem. O argumento estava fraco e eu fazia questão de manter as três histórias, então decidi reformular de modo que elas se cruzassem através de causa e consequência. Uma ação de um personagem gerando uma consequência em outro e assim sucessivamente até fechar o ciclo. René fecha uma porta antes da hora, então Clara é estuprada. Clara faz um ebó porque foi estuprada, e Guill acaba comendo o ebó. Guill cai da escada após comer o ebó, René testemunha e socorre. É um ciclo que interliga a história dos três personagens no plano das ações concretas. No plano das temáticas, as histórias se assemelham implicitamente pois são três personagens buscando elementos do seu passado para lidar com situações no presente. As temáticas explícitas surgiram naturalmente durante a construção dos personagens, de acordo com meus interesses de discussão. Me move e me interessa falar sobre as denúncias dos problemas no sistema de saúde diante da ilegalidade do aborto; as péssimas condições de trabalho dos imigrantes clandestinos; a solidão e os conflitos internos de vidas amarradas ao passado; a não-comunicação de uma sociedade que vive dependente do uso de celular; a abordagem – ou tentativa de – do candomblé de forma não-estereotipada. Estes foram os pontos principais geradores da história de Janela de Sankofa.

1.2. A storyline

O conceito de storyline pode ser definido como “a mais breve das sinopses” (COMPARATO, 1995, p. 99). Buscando expressar o conflito presente na história sem detalhar o seu desenvolvimento, o roteirista deve resumir na storyline o “início, meio e fim” da trama em poucas linhas de modo que lhe sirva de base durante a construção do roteiro. Doc Comparato (1995, p. 99) ainda pontua que esta definição varia entre as diferentes Escolas de Dramaturgia. Para desenvolver a storyline, busquei situar no espaço os personagens centrais, descrever seus conflitos e apresentar o desfecho.

Storyline de “Janela de Sankofa”: Em meio ao caos místico-urbano de Salvador, a jovem Clara busca redenção através da fé, René testemunha um acidente da janela do seu novo apartamento, enquanto que a imigrante Guill deixa a Bolívia para trabalhar clandestinamente em São Paulo. Estes personagens buscam instrumentos para lidar com as suas vidas e acabam tendo as suas histórias cruzadas em uma cadeia de ações e consequências iniciada num descuido de René, passando pelo estupro e aborto de Clara, culminando no salvamento de Guill.

1.3. O argumento

Comparato (1995, p. 111) define argumento como a “storyline desenvolvida sob a forma de texto”. É como se fôssemos contar a história do filme num conto, descrevendo o que acontece em cada sequência, determinando a narrativa, mas sem incluir diálogos. Elaborado sem estilos literários, o argumento deve apresentar a história de forma clara e sólida num texto pensado para ser transformado em imagens (COMPARATO, 1995, p. 112). A partir do momento que o roteirista tem um assunto para desenvolver o roteiro, conhece os personagens e tem uma ideia de onde e quando se passa a história, é o momento de começar a desenvolver a narrativa (GUIMARÃES, 2009, p. 94).

O argumento de “Janela de Sankofa”:

Na calçada de uma rua de prédios residenciais, em uma esquina, uma mala verde parece estar abandonada. É possível perceber o dia amanhecendo. Algumas pessoas começam a passar, com passo apressado. Umas olham a mala, outras não. Carros começam a passar. Uma pessoa pára, olha para os lados, pega a mala e sai arrastando.

É fim de tarde, duas jovens estão sentadas de frente, uma para a outra, no parapeito da varanda de um apartamento, fumando. Clara é uma garota que acaba de passar por um período muito difícil de sua vida e conversa com Nina, sua melhor amiga e moradora deste apartamento. Clara mal termina de dizer que gostaria de ir à praia quando ouvem um grito vindo da rua. De repente, um som de curto-circuito. Falta luz na rua e Nina convida Clara para ir à praia.

Venta bastante em um funeral onde não há muitas pessoas. O cadáver que está prestes a descer na cova é de Dolores, mãe de René - seu único filho. René está com Angélica – sua única filha -, e é cumprimentado por amigos e familiares, que lhe dão apoio. Após o enterro, René vai a um Café com Angélica, sua filha, onde falam sobre a “nova fase” da vida dele. René morou a vida inteira com Dolores, e agora, com quase 60 anos, vai morar sozinho pela primeira vez. Ele conta que já vendeu a casa e está acertando a compra de um apartamento. Angélica está preocupada pois o pai é um homem solitário. Ela se mostra disponível e solícita, deixando claro que está ao seu lado, e o convida pra sair num dia específico. Ele diz que só pode depois das 22h, pois tem que trancar o prédio da escola de matemática.

Guillermina está dormindo no assento de um avião. Num susto, é acordada pela aeromoça, que anuncia a aterrissagem. Observando pela janela o céu cinzento de São Paulo através dos seus óculos escuros. Ela é uma foragida, não da lei, mas de um casamento onde o seu marido estava se tornando cada vez mais violento. Chegando ao aeroporto, Guill passa na imigração, e após ser liberada para entrar no país, segue até a esteira de malas, onde pega sua mala verde (a mesma mala que aparece no início do filme). Trocando dinheiro na casa de câmbio, vê um casal brigando onde o homem é agressivo com a mulher, e se lembra do que se passava com ela na Bolívia.

Caminhando por ruas enlameadas de uma área residencial de classe média, Clara está acompanhada de Diogo e mais um homem. Param em uma esquina e fazem o ritual onde Clara deixa uma oferenda.

Na casa onde moravam Dolores e René, Angélica está ajudando seu pai a encaixotar as coisas da mudança, quando encontra uma mala verde (diferente da que aparece na primeira cena, porém da mesma cor). Abre, e nota que são lembranças da sua mãe, Simone. Olha algumas fotos, se emociona, conversam e ela pergunta a René se ele quer que guarde ou jogue aquelas coisas fora. René hesita mas diz que não é pra jogar fora. Então ela fecha a mala, diz ao pai que está na hora do seu plantão no hospital, se despede e sai. Ele fica sozinho, finalizando a arrumação. Olha para a mala, pára o que está fazendo e olha ao redor. Vai até as janelas da casa. Todas são pequenas e parecem hermeticamente fechadas, onde se passa pouca luz. René força uma fresta da proteção da janela, que se quebra, deixando entrar um forte fecho de luz solar através do vidro. René olha pelo buraco da janela e chora. Um caminhão de mudanças chega e pára na frente da casa.

Guill chega no prédio de Rosa, sua amiga, localizado na periferia da cidade. Rosa não está, mas deixou a chave num vaso, no corredor, para Guill entrar. Ela entra no apartamento, que é organizado, mas muito pequeno. Guill observa as coisas ao redor, nota uma planta seca, vai até a cozinha, enche uma vasilha e rega. Precisa se ajoelhar no sofá para regar a planta, ficando de cara para uma janela que está suja. Guill esfrega a manga da camisa na janela e consegue ver o caos da cidade com mais nitidez.

Mãe Emoriô joga búzios para Clara e diz que ela é uma guerreira, e que só uma guerreira passaria com tanta força pelo que ela passou. Diz que sabe que ela foi lá em busca de paz, mas que precisa acertar contas. Clara diz que quer ver a cabeça livre das coisas que a assombram. Mãe Emoriô diz que os orixás gostam de oferendas em troca de auxílio, proteção ou até pedidos, mas que ela tem que ter certeza do que está fazendo e do que quer.

O caminhão de mudanças agora está parado na porta de um prédio residencial de classe média soteropolitana, onde há muitos outros prédios à volta, em ruas enladeiradas. O caminhão acelera e vai embora, revelando René na porta do prédio, olhando o caminhão partir, ele então se vira e entra no prédio. Chegando na sua nova casa, cheia de caixas, René deita no sofá que ainda está coberto com plástico, vê a mala de recordações de Simone e puxa para perto. Abre e analisa os objetos, especialmente uma gargantilha e uma câmera fotográfica antiga, que está junto a um bilhete de aniversário, escrito por ela. Lê o bilhete, mexe na câmera e abre a tampa sem querer, e fica surpreso por ter um filme usado dentro.

Rosa chega em casa e encontra Guill dormindo encostada no sofá, como quem pegou no sono. Guill acorda com um susto e dá um sorriso ao ver a amiga. Elas se olham e se abraçam. Rosa toca no rosto de Guill para dizer como ela está bonita, e ao tirar os óculos da amiga, acaba revelando um olho roxo. Conversam sobre os motivos da vinda de Guill e as

perspectivas do trabalho que Rosa conseguiu para ela. Mostra onde Guill vai dormir, e é um espaço bastante improvisado. Guill pede desculpas pelo incômodo, agradece a força de Rosa e garante que assim que achar um lugar e tiver grana pra pagar um aluguel, sai de lá. Rosa diz que ela pode ficar o quanto precisar.

Acompanhada de seu amigo Diogo, Clara chega a um terreiro de candomblé pela primeira vez. É apresentada a Mãe Emoriô, e num ritual leve e bonito, toma um banho de folha.

René estaciona o carro na porta de um mini shopping em uma rua movimentada, cheia de estabelecimentos comerciais. Ele entra em uma loja de fotografia e pede para que revelem o filme que está dentro, e vejam se a sua câmera está funcionando. Faz um cadastro para deixar telefone de contato.

Na casa de Nina, Clara agradece a amiga por ter hospedado ela e vai pra casa. Ao chegar em casa, seu pai a recebe com um abraço forte, pergunta onde ela esteve. Ela não responde e ele a recrimina pela atitude, dizendo que isso não pode ficar sem punição e que não admite que ela falte aula no dia seguinte. Clara sobe para o quarto correndo. Clara chora quando se olha no espelho do banheiro, vai para o quarto e dorme. No dia seguinte, está num ônibus, indo para a faculdade e ouve uma conversa sobre alguém que fez um trabalho. Na faculdade, fala com Diogo que precisa de alguma ajuda espiritual e quer que ele a leve num terreiro de candomblé. Ele fala que ela pode tomar um banho de folha, que vai fazer muito bem a ela. Ela diz que quer fazer um trabalho.

Guill está na casa de Rosa, se arrumando para o trabalho, momento em que fica evidente a falta de espaço. No ônibus, a caminho do trabalho, Guill abre um jornal e começa a circular possíveis apartamentos para alugar. Chegando no trabalho, buzina no portão de uma casa, onde é recebida por Seu Carlos. Entram e ele leva Guill até os fundos da casa, um lugar escondido onde trabalham costureiras e costureiros clandestinamente, em condições precárias. Cumprimenta os colegas de trabalho, que mal respondem e aparentam estar exaustos, é levada até a sua “estação” de trabalho, onde é auxiliada por Pepe, e começa a costurar.

Clara está com Nina, sentada no parapeito da varanda do apartamento de Nina. Clara diz que já está se sentindo bem e é hora de voltar pra casa.

René está aplicando uma prova numa sala de aula com apenas dois alunos. Olha para as janelas escancaradas da sala e cerra os olhos por conta da luminosidade. Seu celular vibra e ele sai para atender. É da loja de fotografia.. René olha para o relógio, volta para a sala e anuncia o fim do tempo da prova. René chega na loja para pegar as fotografias e a câmera. O

atendente diz que algumas fotos do filme revelado foram queimadas, mas que a câmera está funcionando perfeitamente. René compra filmes e uma lente de longo alcance.

Clara chega cambaleante e sangrando ao hospital santa inês. Ela não tem plano de saúde mas o hospital tem convênio com o SUS. A médica plantonista atenda Clara mas diz que seu plantão acabou e não vai poder ajudar. Pede muita atenção a Clara, dizendo para ela não contar o que aconteceu de verdade ao próximo médico, que vai colocar na ficha que ela teve um aborto espontâneo, senão ele vai deixar ela morrer. Clara ouve a médica fazendo recomendações às técnicas e enfermeiras (uma delas é Angélica), que conversam com clara. Alguns minutos depois, o médico chega e fala absurdos sobre aborto, criticando Clara, enquanto as técnicas tentam convencê-lo de que ela é uma “moça direita”. Ele faz a cirurgia para consertar o que o outro médico tinha feito no seu útero. Nina e Diogo chegam ao hospital e esperam Clara ter alta.

Guill sai da fábrica ao final do expediente conversando com Pepe, que é um homem simpático e fala do sobrinho que está doente. Se despedem no ponto de ônibus. Guill chega na casa de Rosa e liga para alguns anúncios de apartamento que havia circulado no jornal. René entra em casa e quer testar a câmera. Nota que a lente que comprou precisa de um lugar mais espaçoso que o seu apartamento para conseguir um enquadramento interessante e resolve abrir a janela. Tira algumas fotos dos vizinhos. Sobe para o terraço e sorri quando vê a infinidade de lugares que pode fotografar. Uma das fotos que tira é da varanda de um apartamento vizinho, onde estão Clara e Nina, sentadas no parapeito.

Clara é acordada por Nina. Elas estão num táxi, chegando na casa de Nina, que a ajuda a sair do carro. Clara, ainda atordoada, com a visão embaçada, tem flashes do caminho até o apartamento de Nina, sendo ajudada para caminhar. Diz que está com fome e vão até a cozinha. Nina vê que Clara está sangrando e diz para ela ir para a cama. O celular de Clara toca – é o seu pai, questionando onde ela está, reclamando dela ter saído de casa assim sem mais nem menos. Nina traz comida e remédio para Clara. Elas conversam e Clara dorme. Na manhã seguinte, Nina está arrumada para a faculdade, checka a temperatura de Clara, deixa um bilhete e sai. Ao bater a porta, o barulho acorda Clara, que levanta, vê o bilhete e vai ao banheiro. Clara não parou de sangrar, tem vertigem e liga para Nina. Diz que quer ir ao hospital. Nina sugere que Clara não espere ela voltar e que vai encontra-la em seguida.

Guill visita um apartamento. Sai atrasada para o trabalho e come um lanche no caminho, percebendo que o dinheiro está ficando curto. Chegando na fábrica, Guill é recriminada pelo atraso. Todos recebem o salário integral menos Guill, em retaliação pelo atraso. Para defender Guill, Pepe reclama de uma máquina de costurar defeituosa. O patrão diz que ele que decide

quando as máquinas fazem manutenção, que ele reclame na justiça se quiser. Guill agradece a Pepe e pergunta do sobrinho. Ele diz que a irmã perdeu uma oportunidade em Salvador de trabalhar com buffet de festas, porque por conta do filho não pode sair de São Paulo. Diz que seria uma boa chance, que ele conhece a dona do buffet e é uma boa pessoa, paga bem.

À noite, na casa de Rosa, Guill quer dar uma parte da grana que recebeu. Rosa não aceita e ela deixa o dinheiro embaixo de um peso de papel. Guill pega o jornal com os classificados, vê que já riscou a maioria dos anúncios nos classificados e fica frustrada.

René está fotografando do terraço à noite. Aponta a câmera para a rua vazia e vê uma mulher caindo de uma escada que separa dois prédios. Percebe que a mulher não está se movendo e desce correndo para ajudar. Vai até o corpo que está caído e imóvel. Liga para Angélica para saber o que fazer. Ela não atende, então René decide levá-la ao hospital por conta própria. A caminho do hospital, Angélica retorna a ligação e René avisa que está chegando. Notam que ela está sem carteira ou documentos, portanto sem plano de saúde ou carteira do SUS, mas como Angélica é a enfermeira-chefe, consegue que um primeiro atendimento seja feito às pressas.

René está sentado no corredor de espera do hospital. Angélica chega e diz que a mulher bateu a cabeça e está desacordada, e que como ela não tem documentos, eles não tem o que fazer. René não pensa duas vezes e diz que pode fazer particular que ele paga. Angélica entrega um papel ao pai, com um número de telefone e endereço, e diz que estava no bolso da calça dela. Antes de René sair, Angélica diz que se ele não descobrir quem é a mulher, eles devem falar com a polícia.

Chegam na clínica, um lugar muito simples e mal acabado. A recepcionista fala sem olhar nos olhos de Clara. Nina conforta Clara, enquanto o médico abre a porta e chama pelo seu sobrenome. Ela entra numa sala sem janelas. O médico está de blusa pólo e calça jeans, apenas com um avental por cima. É seco ao falar com Clara, pedindo que tire a roupa, se deite na maca e abra as pernas. Abre uma gaveta com instrumentos que parecem bastante rudimentares e feitos artesanalmente. Clara recebe uma anestesia local e o procedimento começa. Ela sente muita dor, e pergunta se a anestesia está funcionando. O médico diz que se ela não houvesse “procurado”, não estaria passando por tudo aquilo. Clara chora, tem uma crise de vômito e começa a alucinar, chegando a ver sua mãe no lugar da enfermeira auxiliar. O médico termina e sai. Clara fica suando, angustiada, olhando para os lados. Aguarda muito tempo até a auxiliar mandar ela sair de lá, e ir embora. Clara paga e pega um papel com nomes de remédios e orientações pouco legíveis. Saem da clínica, pegam um táxi e pedem pra ir à farmácia mais próxima. Nina salta pra comprar os remédios enquanto Clara espera no

carro, entorpecida e soluçante. O taxista pergunta se ela não vai vomitar no carro dele, com um certo desprezo. Clara fecha os olhos.

Na fábrica, um colega de Guill se acidenta por um problema na máquina sem manutenção e todos são liberados mais cedo. Guill pergunta a Pepe se o emprego em Salvador ainda está disponível. Pepe liga para a dona do buffet e fala bem de Guill. Ela diz que só serve se ela trabalhar em todas as festas, e que a primeira já é naquela noite, em sua casa. Pepe pede o endereço da casa de Sandra e anota rápido num papel, junto com o telefone. Guill agradece e sai apressada. Guill agradece, e sai apressada. Chega na casa de rosa, arruma a mala, faz um sanduiche, escreve um bilhete pra Rosa, pega o dinheiro embaixo do peso de papel, deixa o bilhete no lugar e vai para o aeroporto. Compra a passagem com suas últimas economias, espera por algumas horas, sente fome, nota que esqueceu o sanduiche, mas não quer gastar dinheiro. Pega o avião para Salvador.

Saindo do hospital, René pega o celular e tenta ligar para o número do papel, mas não consegue contato no telefone. No outro dia, em casa, pesquisa o endereço do papel no google maps e vai. Chega em uma casa grande e chique, e fala com uma empregada doméstica por interfone. Explica a situação e consegue fazer com que a dona da casa fale com ele. Ela diz que não sabe do que se trata a mulher caída no chão. René fica desolado e quando vai entrar no carro ouve alguém chamar. É o porteiro do condomínio, dizendo pra ele pegar o interfone. René pega o interfone e, ouvindo a mulher, pega um papel e anota um número.

Clara está em casa, no seu quarto, escrevendo um bilhete. “Pai, vou viajar com a Nina por uns dias, estou precisando. Desculpe a surpresa. Um beijo, Clá”. Clara vai até o seu armário, pega uma caixa de lata de biscoito na prateleira acima dos cabides, tira todo o dinheiro que tem lá e guarda a caixa de volta. Deixa o bilhete embaixo de uma escultura de violino, ao lado de uma fotografia de seu pai com sua mãe, na cabeceira da cama, e sai com uma mochila nas costas. Nina está esperando Clara num táxi fora da casa. Clara entra no táxi visivelmente aflita, e abraça Nina sem dizer nada. Dá um papel com um endereço para o taxista e fala: “pra Clínica Cimed, nessa rua aí”. O táxi segue enquanto Clara, de mãos dadas com Nina, observa pela janela do carro um pássaro preso numa gaiola, na varanda de um prédio.

No aeroporto de Salvador, já tarde da noite, Guille tenta falar com Sandra, que não atende. Aflita com o horário, decide então ir de táxi até o local. Guill é abordada por um motorista de taxi clandestino, que aceita fazer a corrida pelo resto do dinheiro que ela tem, mas avisa que seria mais caro.

Clara e Nina estão na cantina da faculdade, e Nina pergunta como anda a investigação. Clara começa a responder, reclamando da burocracia, quando dá uma mordida num salgado, tem ânsia e vomita ali mesmo. Mais tarde, Clara está sozinha no banheiro da sua casa, fazendo um teste de gravidez e descobrindo que está grávida.

No carro, a caminho de casa, René liga para o número que a mulher deu e fica ouvindo falarem ao telefone, com cara de surpreso. Chegando em casa, René coloca um livro e algumas das fotos que vem tirando no terraço, em uma bolsa. Dentro da caixa que guarda fotos, há um saquinho com algumas fotos separadas. René abre e vai olhando as fotos do saquinho, que estão queimadas por superexposição e com manchas de mofo. São as fotos antigas da câmera. Separa uma das fotos e guarda na sacola.

Clara está conversando com o professor de dramaturgia após a aula, saindo da escola de teatro. Ele dá uma cantada em Clara, sutil, e ao chegar no carro pergunta se ela quer uma carona até o ponto, mas ela diz que não precisa. Ele insiste e ela se incomoda. Ele sai com o carro. No caminho, Clara cruza com René, que está distraído no celular e não nota Clara indo até o prédio e tentando abrir a porta, que está trancada. Ela tem que dar a volta pelo caminho mais longo e é estuprada no caminho.

Chegando na ladeira com o taxi clandestino, o endereço não confere e eles não encontram a casa. O motorista se irrita pois já está fazendo um valor menor e diz que vai deixá-la ali mesmo. Guill sai e começa a andar arrastando sua mala. Está perdida na cidade e não encontra a casa pois está na rua errada. Tenta ligar para Sandra novamente, mas a ligação cai pois ela não tem mais créditos. A bolsa no seu ombro está pesada e ela coloca dentro da mala. Sobe as ladeiras ao redor tentando achar o endereço de novo mas tem vertigem pois está faminta. Vê um prato de comida recém colocado na rua e, sem saber que se trata de um ebó, come. Passa mal e cai de uma escada. Enquanto Guille rola escada abaixo, sua mala desce pela calçada perpendicularmente, fazendo com que fique distante do corpo caído.

René visita Guill no hospital, e está sentado ao lado da cama, lendo para ela um conto do livro “Mulheres que correm com os Lobos”. Termina o conto, olha pra ela e pergunta: “e você fala português..?”. Pega as fotos que guardou e começa a descrevê-las. Quando chega na foto queimada, do filme antigo, pára. Os olhos marejam e ele conta que aquela mulher apagada na foto é uma mulher que o abandonou, deixando-o com a filha após poucos meses de nascida, para morar com outra pessoa, em outro país, e nunca mais apareceu. Diz que ele também está na foto, e o bebê é a enfermeira que está cuidando dela. Angélica chama o pai pra sair do quarto, pois o horário de visita terminou. René dá um beijo na filha e entrega a foto pra ela. Angélica olha e leva a mão ao rosto, emocionada.

Em casa, René está bebendo no terraço e começa a olhar as fotos antigas com Simone. Fica emocionado, chora, rasga as fotos e joga pela janela. Abre a mala e começa a jogar as coisas pela janela gritando. A gargantilha causa um curto circuito no poste e uma queda de energia na rua.

Clara, Nina e Diogo saem da praia e vão a um estúdio de tatuagem. Clara vai fazer um sankofa, símbolo africano, e Diogo pergunta o que significa. Clara diz que é um símbolo que lembra a mãe, que morreu há um ano é o motivo da sua mudança para Salvador. Diogo conta que é candomblecista.

Clara está jantando em casa com o pai. Na mesa do jantar, Clara fala como foi o dia de aula, empolgada. Conta que já fez alguns amigos e diz qual serão os horários de aula. Comenta que terá aula no turno da noite, o que deixa o pai apreensivo, pedindo para ela redobrar a atenção. Clara está receosa de mostrar a tatuagem ao pai, porém convicta, pois está feliz e acha que o motivo da homenagem vai fazê-lo entender. Então mostra e a reação do pai é ruim. Ele ofende Clara em relação a sua escolha profissional, e insinua que tatuagem não é uma coisa de “moça direita”.

Angélica liga pra René, ele está num bar com amigos. Guille acordou. René corre para o hospital. Ela não perdeu a memória, mas está em choque. Diz a ele que não sabe como agradecer e nem tem pra onde ir. René pergunta se ela não quer descansar na casa dele enquanto, reúne os documentos e se recupera. Guille sorri.

Clara está na praia com os amigos, feliz. Entra no mar de roupa e deixa o corpo boiar.

1.4. A escaleta

Para Comparato (1995, p. 163), “a estrutura é a fragmentação da história em momentos dramáticos, em situações dramáticas que mais adiante se irão converter em cenas.”. A escaleta é uma estrutura de organização das sequências da história, colocados na ordem em que aparecerão no roteiro. Em seu Manual do Roteiro, Syd Field (2001, p. 138) indica o uso de fichas de 12cm x 8cm para estruturar a história antes de começar a escrever o roteiro de fato. Ele sugere que o roteirista escreva uma sequência em cada ficha, indicando brevemente o que ocorre nas cenas. A ideia é que, pelo fácil manuseio das fichas, seja mais claro visualizar a

história como um todo e alterar a ordem das sequências rapidamente. De acordo com o autor (2001, p. 138), “você pode arrumar as cenas do jeito que quiser , rearranjá-las, acrescentar algumas, omitir outras . E um método simples , fácil e eficiente , e que lhe dá a máxima mobilidade na construção do roteiro.” O método das fichas sugerido por Field foi de extrema utilidade e importância para que eu conseguisse chegar à ordem final das sequências, especialmente pelo fato de estar tentando organizar a narrativa de forma não-linear. O fator visual proporcionado pelas fichas espalhadas em cima de uma mesa me possibilitou ter uma perspectiva única da história.

Escaleta para o roteiro “Janela de Sankofa”:

CENA 01 – EXT – RUA DE EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS – AMANHECENDO
Mala verde abandonada em uma calçada é levada por uma pessoa.

CENA 02 – INT – CASA DE NINA – FIM DE TARDE
Clara conversa com Nina sobre como se sente depois que tudo passou. Ouve-se um grito e a energia cai.

CENA 03 – INT - CEMITÉRIO – DIA
René está com Angélica no enterro de Dolores. Amigos e familiares consolam René enquanto o caixão desce na cova.

CENA 04 - INT - CAFÉ - DIA
René e Angélica conversam em um Café sobre a nova fase da vida dele.

CENA 05 – INT – AVIÃO – DIA
Guill no avião.

CENA 06 – INT – AEROPORTO DE GUARULHOS – DIA
Guill chegando no aeroporto SP –imigração

CENA 07 – INT – AEROPORTO DE GUARULHOS - DIA
Guill pega mala.

CENA 08 – INT - AEROPORTO DE GUARULHOS - DIA
Guill troca dinheiro na casa de cambio – ve casal brigando

CENA 09 – INT/EXT – AEROPORTO DE GUARULHOS - DIA
Pega um táxi

CENA 10 – EXT – RUA PRÓXIMA AO APT DE RENÉ - NOITE

Clara deixa o ebó na rua.

CENA 11 – INT - CASA DE DOLORES - DIA

René e Angélica encaixotam as coisas da mudança. Angélica encontra uma mala com recordações de Simone, sua mãe. Angélica vai embora, pois precisa trabalhar.

CENA 12 – EXT - RUA DA CASA DE DOLORES - DIA

Um caminhão de mudanças chega e pára na frente da casa de Dolores.

CENA 13 – EXT – RUA DO PRÉDIO DE ROSA - DIA

Chega no prédio de Rosa

CENA 14 – INT – HALL DO APARTAMENTO DE ROSA - DIA

Pega uma chave num vaso de plantas e entra no apartamento.

CENA 15 – INT – APARTAMENTO DE ROSA - DIA

Não tem ninguém no apartamento, Guill cochila num sofá

CENA 16 – INT – CASA DO TERREIRO DE MÃE MORIÔ - DIA

Num cômodo da casa do terreiro de Mãe Emoriô, ela joga búzios pra Clara, que diz que quer fazer um trabalho.

CENA 17 - EXT - RUA DO APARTAMENTO DE RENÉ - DIA

O mesmo caminhão de mudanças agora está parado em outra rua, na porta de um prédio. O caminhão acelera e vai embora, revelando René na porta do prédio. René entra no prédio.

CENA 18 – INT – APARTAMENTO DE RENÉ - DIA

René entra em casa e deita no sofá. Vê a mala de recordações de Simone e puxa para perto. Abre e analisa os objetos, especialmente a câmera fotográfica, que está junto a um bilhete. Lê. Abre a tampa da câmera sem querer.

CENA 19 – INT - APARTAMENTO DE ROSA - DIA

Rosa entra em casa, acordando Guill. Conversam sobre os motivos da vinda e a estada de Guill e nota que ela está com um olho roxo.

CENA 20 – EXT – TERREIRO DE CANDOMBLÉ DE MÃE MORIÔ - DIA

Clara vai a um terreiro acompanhada de Diogo, toma um banho de folha.

CENA 21 – EXT – ESTACIONAMENTO MINI SHOPPING - DIA

René estaciona o carro na porta de um mini shopping

CENA 22 – INT – LOJA DE FOTOGRAFIA - DIA

René entra em uma loja de fotografia e pede para que revelem as fotos e vejam se a câmera está funcionando. Deixa seu telefone para contato.

CENA 23 – EXT – PORTÃO DO PRÉDIO DE NINA - DIA

Clara se despede de Nina e sai do prédio.

CENA 24 – RUA DO PREDIO DE NINA – DIA

Clara caminha.

CENA 25 – INT/EXT – ÔNIBUS - DIA

De dentro do ônibus, Clara ouve uma conversa sobre um trabalho que alguém fez.

CENA 26 – INT – CASA DE CLARA – FIM DE TARDE

Clara chega em casa, seu pai a recebe bem mas quando ela sobe pro quarto ele briga, dizendo que ela não falte mais aula.

CENA 27 – INT – BANHEIRO DE CLARA - NOITE

Clara entra de pijama no banheiro, quando vai escovar os dentes se olha no espelho e chora.

CENA 28 - INT – QUARTO DE CLARA - NOITE

Dá um beijo e boa noite foto da mãe, deita na cama chorando.

CENA 29 – INT – FACULDADE DE TEATRO – DIA

Fala com Diogo que quer ir num terreiro. Ele sugere um banho de folhas e ela diz que quer fazer um trabalho

CENA 30 – INT – APT DE ROSA - DIA

Na casa de Rosa, Guill se arruma pro trabalho, onde fica evidente a falta de espaço.

CENA 31 – INT – ÔNIBUS - DIA

No ônibus, Guill abre os classificados de um jornal e circula anúncios de apt.

CENA 32 – EXT – PORTAO DA CASA ONDE FICA A FABRICA – DIA

Guill buzina, Seu Carlos abre a porta

CENA 33 – EXT – CASA ONDE FICA A FABRICA – DIA

Seu Carlos leva Guill até a fábrica

CENA 34 – INT – FABRICA DE ROUPAS - DIA

Guill chega para o primeiro dia de trabalho. Conhece Pepe.

CENA 35 – INT – VARANDA DA CASA DE NINA – FIM DE TARDE

Clara está na varanda da casa de Nina, com Nina. Conversam e Clara diz que já está na hora de voltar pra casa.

CENA 36 – INT – SALA DE AULA DA UNIVERSIDADE - DIA

René está aplicando uma prova na universidade, quando recebe uma ligação da loja de fotografia.

CENA 37 – INT – LOJA DE FOTOGRAFIA - DIA

René volta à loja para pegar as fotografias e a câmera. Compra filmes e uma lente de longo alcance.

CENA 38 – INT – RECEPÇÃO DO HOSPITAL SANTA INES - DIA

Clara chega cambaleante no hospital e é recebida por uma médica plantonista que está de saída que diz para Clara não assumir que o aborto não foi natural.

CENA 39 – INT – SALA DE CIRURGIA DO HOSPITAL SANTA INES - DIA
Clara é humilhada pelo médico, mas consegue atendimento e passa por cirurgia.

CENA 40 – INT – RECEPÇÃO DO HOSPITAL SANTA INES - DIA
Nina chega ao hospital com Diogo. Descobrem que Clara está num leito (pós-cirurgia), sedada, e passa bem. Diogo pergunta a Nina se Clara vai voltar para a sua casa.

CENA 41 – EXT – RUA DA FÁBRICA DE ROUPAS - NOITE
Guill sai da fábrica conversando com PEPE até o ponto de ônibus.

CENA 42 – INT – CASA DE ROSA - NOITE
Na casa de Rosa, Guill liga para alguns anúncios de apartamento

CENA 43 – APTO DE RENE - DIA
René chega em casa e quer testar a câmera. Tira fotos pela janela.

CENA 44 – TERRAÇO DO APTO DE RENÉ – FIM DE TARDE
Sobe para o terraço e fotografa CLARA e NINA na varanda vizinha

CENA 45 – INT – TÁXI - DIA
Clara acorda atordoada no taxi, chegando na casa de Nina. Nina ajuda a sair do carro.

CENA 46 INT – PRÉDIO DE NINA – DIA
Clara, ainda atordoada, com a visão embaçada, sobe até o apt. de Nina, sendo ajudada para caminhar.

CENA 47 – INT- SALA DO APT DE NINA – DIA
Clara diz que está com fome, vão até a cozinha.

CENA 48 – INT – COZINHA DO APT DE NINA – DIA
Nina vê que Clara está sangrando e diz que vá para o quarto, se deitar.

CENA 49 – INT – QUARTO DE NINA – DIA
O celular de Nina toca, é o seu pai. Conversam. Nina traz comida, remédio e um pano molhado para Clara. Elas conversam e Clara dorme.

CENA 50 – INT – CASA DE NINA - AMANHECENDO
Nina está arrumada para a faculdade, checa a temperatura de Clara, deixa um bilhete e sai. Ao bater a porta, o barulho acorda Clara, que levanta, vê o bilhete e vai ao banheiro. Clara não parou de sangrar, tem vertigem e liga para Nina. Diz que quer ir ao hospital. Nina sugere que não espere ela voltar e vai encontra-la em seguida.

CENA 51 – INT – APARTAMENTO PRA ALGUAR - DIA
Guill visita apartamento. Sai apressada.

CENA 52 – EXT – RUA - DIA
Guill come algo na rua e nota que o dinheiro está curto.

CENA 53 – INT - FABRICA DE ROUPAS – DIA

Guill chega atrasada no trabalho e é humilhada.

CENA 54 – INT – FABRICA DE ROUPAS - NOITE

Todos recebem os salários integralmente, menos Guill e Pepe. Ela pelo atraso, ele por reclamar que uma máquina não funcionava bem.

CENA 55 – INT – PÁTIO DA FABRICA - NOITE

Na saída do trabalho, Guill pergunta a Pepo do sobrinho e ele lamenta um emprego que a sua irmã não pôde aceitar, em Salvador, de buffet de festa, porque o menino é doente.

CENA 56 – INT – CASA DE ROSA - NOITE

Na casa de Rosa, Guill quer dar uma parte da grana que recebeu. Rosa não aceita e ela deixa o dinheiro embaixo de um peso de papel.

CENA 57 – INT – CASA DE ROSA - NOITE

Guill pega o jornal, vê que já riscou a maioria dos anúncios nos classificados e fica frustrada

CENA 58 – EXT – TERRAÇO DO APT DE RENE - NOITE

René está fotografando no terraço quando testemunha uma pessoa caindo de uma escadaria na rua.

CENA 59 – INT – PRÉDIO DE RENE - NOITE

Desce para ajudar.

CENA 60 – EXT – RUA DO PRÉDIO DE RENE - NOITE

Com a mulher desacordada ao seu lado, liga para Angélica, que não atende. Resolve levar ao hospital, pois é perto. Angélica retorna a ligação e René avisa que está chegando no hospital.

CENA 61 – INT – HOSPITAL SANTA INES - NOITE

No hospital, René descobre que a mulher precisa ficar internada e decide bancar, pois ela está sem documentos ou dinheiro. Angélica entrega um papel com um endereço e telefone, que estava no bolso da mulher, e diz que se ele não descobrir quem é, deve ir na polícia.

CENA 62 – INT – CLINICA DE ABORTO/ RECEPÇÃO - DIA

Clara e Nina estão na recepção de uma clínica. Clara é chamada e Nina aguarda.

CENA 63 – INT – CLINICA DE ABORTO/ SALA DE CIRURGIA - DIA

O médico faz o aborto enquanto trata Clara muito mal. Ela vomita e tem alucinações, vendo sua mãe no lugar da enfermeira.

CENA 64 – INT – CLINICA DE ABORTO/ RECEPÇÃO - DIA

Clara e Nina saem da clínica

CENA 65 – EXT - RUA DA CLINICA - DIA

Pegam um táxi

CENA 66 – INT – TAXI – DIA

Param em uma farmácia. Enquanto Nina vai comprar os remédios, Clara tem ânsia, o motorista reclama e Clara fecha os olhos.

CENA 67 – INT – FABRICA DE ROUPAS - DIA

No trabalho, um colega de Guill se acidenta por um problema na máquina sem manutenção e todos são liberados mais cedo.

CENA 68 – INT – FABRICA DE ROUPAS - DIA

Guill pergunta a Pepe se o emprego em Salvador ainda está disponível. Ele faz uma ligação e indica Guill. Anota endereço e telefone num papel e dá pra Guill, que sai apressada.

CENA 69 – INT – CASA DE ROSA - DIA

Na casa de Rosa, Guill arruma a mala, faz um sanduíche, pega o dinheiro embaixo do peso de papel, deixa um bilhete no lugar e sai.

CENA 70 – INT – AEROPORTO - DIA

No aeroporto, gasta quase quase todo o dinheiro que tem comprando a passagem no balcão.

CENA 71 – INT – AEROPORTO - NOITE

O voo atrasa, Guill sente fome, nota que esqueceu o sanduíche mas não quer gastar o resto do dinheiro. Embarca.

CENA 72 – EXT – SAÍDA DO HOSPITAL SANTA INES - NOITE

René liga para o telefone no papel, sem sucesso.

CENA 73 – INT - APT DE RENE - DIA

No computador, René coloca o endereço no google maps.

CENA 74 – EXT – CASA DA DONA DO BUFFET - DIA

Chegando no endereço, fala com uma mulher que dá um telefone pra ele entrar em contato.

CENA 75 – INT – QUARTO DE CLARA - DIA

Clara arruma uma mochila em seu quarto, pega dinheiro, escreve um bilhete (dizendo que vai viajar).

CENA 76 – INT – QUARTO DO PAI DE CLARA - DIA

Deixa o bilhete ao lado de um porta-retrato onde tem uma foto da mãe.

CENA 77 – EXT – PORTA DA CASA DE CLARA - DIA

Sai de casa e entra num táxi. Nina está no táxi. Seguem para a clínica.

CENA 78 – INT – AEROPORTO DE SALVADOR - NOITE

No aeroporto de salvador, já tarde da noite, tenta falar com a empregadora e não consegue

CENA 79 – INT – CASA DE SANDRA – NOITE

Barulho de festa, pessoas passando, garçonetes fardadas. Um celular está em cima da mesa vibrando e ninguém pega.

CENA 80 – INT – AEROPORTO DE SALVADOR - NOITE

Aflita com o horário, decide gastar a sua última grana num táxi. Guill é abordada por um motorista de taxi clandestino, que pergunta pra onde ela vai. Ela diz o nome da rua e ele diz que sabe onde é, que no taxímetro é mais caro. Ela diz quanto tem e ele diz que seria mais caro mas faz a corrida pelo resto do dinheiro dela.

CENA 81 – INT – TAXI CLANDESTINO - NOITE

No carro, não consegue levantar a mala, fica tonta.

CENA 82 – INT – CANTINA DA UNIVERSIDADE - DIA

Nina pergunta à Clara sobre o andamento da investigação. Clara come um pedaço de um salgado e sente ânsia. Vomita.

CENA 83 – INT – BANHEIRO DE CLARA – DIA

Clara descobre que está grávida, se desespera.

CENA 84 – INT – CARRO DE RENE - DIA

Liga para o número que a mulher deu, explica a história e ouve a pessoa do outro lado da linha falar, ficando surpreso.

CENA 85 – INT – CASA DE RENÉ - DIA

Em casa, separa fotografias e um livro.

CENA 86 – EXT – CAMPUS UNIV/ESTACIONAMENTO - NOITE

Clara está saindo do prédio da escola de teatro, conversando com o professor de dramaturgia, após o término da aula. Durante a conversa o professor passa uma cantada sutil em Clara e oferece carona. Ela nega, ele insiste e ela sai, incomodada. Ele vai embora com o carro.

CENA 87 – EXT – CAMPUS DA UNIVERSIDADE - NOITE

René está falando ao celular com Angélica sentado numa mesa numa sala de aula da faculdade, sobre a saída que eles combinaram. Olha no relógio, são 21h45 e ele diz que já vai sair. Tranca a porta do prédio e sai. Aparecem alguns alunos querendo cruzar o prédio pra sair da faculdade, e ele abre a porta. Tranca novamente e sai. No caminho, cruza com Clara, que segue até encontrar o prédio-atalho trancado. Tem que fazer a volta e é estuprada.

CENA 88 – INT – TAXI – NOITE 23:20

Guill e o taxista notam que estão na rua errada (ladeira), mas como ela não tem mais dinheiro o taxista expulsa ela do carro.

CENA 89 – EXT – RUA – NOITE 23:30

Guill desce a ladeira e está perdida, andando na cidade.

CENA 90 – EXT – RUA – NOITE 23:40

Guill vê um orelhão e liga pra Sandra, quando ela atende o cartão acaba. Resolve voltar pra tentar achar o endereço. Coloca a bolsa dentro da mala e sobe a ladeira.

CENA 91 – EXT – RUA – NOITE 00:00

Não acha, se desespera, dá um grito. Tem vertigem.

Vê um prato de comida (ebó de Clara), come.

Guill se desequilibra e cai de uma escada. Sua mala desce a ladeira da calçada em outra direção.

CENA 92 – INT – HOSPITAL SANTA INES/QUARTO - DIA

René visita Guill no hospital. Lê um livro pra ela e descreve as fotografias. Dentre as fotografias reveladas do filme antigo, há uma com Simone e Angélica. Angelica diz que acabou a hora de visita.

CENA 93 – INT – HOSPITAL SANTA INES/ CORREDOR - DIA

Saindo do quarto do hospital, René dá uma foto de família para Angélica.

CENA 94 – INT – APT DE RENE – FIM DE TARDE

Em casa, joga recordações da ex-mulher pela janela. O colar metálico causa um curto circuito no poste e falta luz na rua.

CENA 95 – INT – ONIBUS – DIA

Clara, Diogo e Nina estão de roupa de banho e falam sobre a praia.

CENA 96 – INT – ESTÚDIO DE TATUAGEM - DIA

Clara, Diogo e Nina fazem tatuagem juntos. Clara faz um sankofa, diz que lembra a mãe, que estudava símbolos africanos em São Paulo e conta para os amigos que ela morreu. Diogo conta que é candomblecista.

CENA 97 – INT – CASA DE CLARA - NOITE

Clara janta com o pai, conta da faculdade e ele recrimina a sua tatuagem nova. Fala que terá aulas à noite e ele pede que tenha cuidado. Ela diz que já sabe de um atalho para não ter que passar por nenhum caminho escuro.

CENA 98 – INT – BAR - NOITE

René está num bar com os amigos, recebe ligação de Angélica dizendo que Guill acordou.

CENA 99 – INT – HOSPITAL SANTA INES/ QUARTO - NOITE

René vai ao hospital, conversa com Guill e oferece abrigo até que ela resolva sua situação de documentos.

CENA 100 - EXT – PRAIA - DIA

Clara está com os amigos na praia. Entra no mar e fica boiando, serena.

1.5. A narrativa não-linear

No roteiro audiovisual de ficção, uma história pode ser contada das mais diversas formas, e ter a presença de uma ou mais tramas de diversos tipos. A trama é desenhada de acordo com uma narrativa e, segundo Comparato (1995, p. 176), é a parte central da ação dramática, onde as personagens se interligam por conflitos ou temas. Já Robert McKee (2006, p.54) define trama como o padrão de eventos interrelacionados escolhidos pelo roteirista para

se mover ao longo do tempo e desenhar a história. Narrativa é a forma que se estrutura a trama, isto é, o modo como a história será contada.

Dentre as diversas classes de trama que um roteiro pode ter, duas se relacionam com Janela de Sankofa: *multiplot e plot* paralelo. Nas narrativas *multiplot* não há uma trama principal, mas sim “diversas histórias que se desenrolam concomitantemente” (COMPARATO, 1995, p. 182). No *plot* paralelo, as histórias são contadas paralelamente, tem a mesma importância e não há união aparente entre elas. O seu entrelaçamento se dá por contraste ou comparação. Em Janela de Sankofa temos três histórias contadas separadamente, onde a surpresa é justamente o fato de elas serem diretamente ligadas e interdependentes. McKee (2006, p. 55) divide as formas de se contar uma história em Arquitrama, Minitrama e Antitrama. A Arquitrama representaria o “design clássico”, ou seja:

uma história construída ao redor de um protagonista ativo, que luta contra forças do antagonismo fundamentalmente externas para perseguir seu desejo, em tempo contínuo, dentro de uma realidade ficcional consistente e causalmente conectada, levando-o a um final fechado com mudanças absolutas e irreversíveis (MCKEE, 2006, p. 55).

A Minitrama seria uma redução da Arquitrama, na busca pela economia e simplicidade narrativa, e a Antitrama uma reversão do “design clássico”. Janela de Sankofa se encaixa em algum lugar no meio disso tudo, possibilidade também prevista pelo autor.

McKee (2006, p.58) lista algumas diferenças formais entre estes modos de se contar história. Em relação ao final (aberto ou fechado), conflito (externo ou interno), protagonistas (único ou múltiplos), etc. É possível dizer que Janela de Sankofa passeia por essas definições, pois é um roteiro com características dos diversos modos: o final é aberto, pois não fica definido o que acontece com René e Guill depois que ela acorda; há conflitos internos e externos; múltiplos protagonistas ativos e, por fim, tempo não linear. Ainda de acordo com McKee (2006, p 61), “uma história que salta aleatoriamente através do tempo, ou que

obscreça tanto a continuidade temporal que o público não consiga entender a ordem dos acontecimentos” é uma história contada em tempo não linear. Parte das histórias de Clara, René e Guill acontecem ao mesmo tempo, tanto que os personagens cruzam caminhos em alguns pontos, mas elas não iniciam e terminam em um mesmo momento. Como o roteiro salta entre as histórias, isso já confere um tempo não linear à narrativa. Além disso, a história de Clara é contada de forma cronologicamente reversa, o que não deixa dúvidas quanto a ausência de linearidade na trama.

Uma outra definição de narrativa que se adequa a Janela de Sankofa é a de Linda Aronson (2010, p. 176). Ela descreve seis tipos de narrativas que contam histórias paralelas, das quais destaco a *tandem* (conjunta) e a *fractured tandem* (conjunta fraturada). Narrativas *tandem* são aquelas em que tramas dissociadas ocorrem ao mesmo tempo, com igual importância. As narrativas *fractured tandem* funcionam da mesma forma que as *tandem*, porém “fraturando” a linearidade e saltando no tempo entre as sequências. Essencialmente, esta é a forma de narrativa conjunta picotada e reorganizada fora de ordem cronológica, artifício usado para balancear o ritmo de acordo com a necessidade da trama. Esta é uma estrutura que normalmente funciona para roteiros que envolvem: 1. Conexões inesperadas e trágicas entre pessoas aparentemente (ou inicialmente) muito distantes, desencadeadas por um acidente ou evento aleatório; 2. Diversas histórias igualmente importantes, algumas (ou todas) picotadas, rodando simultaneamente. Às vezes numa mesma sequência, mas frequentemente em várias; 3. Consequências, reações em cadeia (ARONSON, 2010, p. 180).

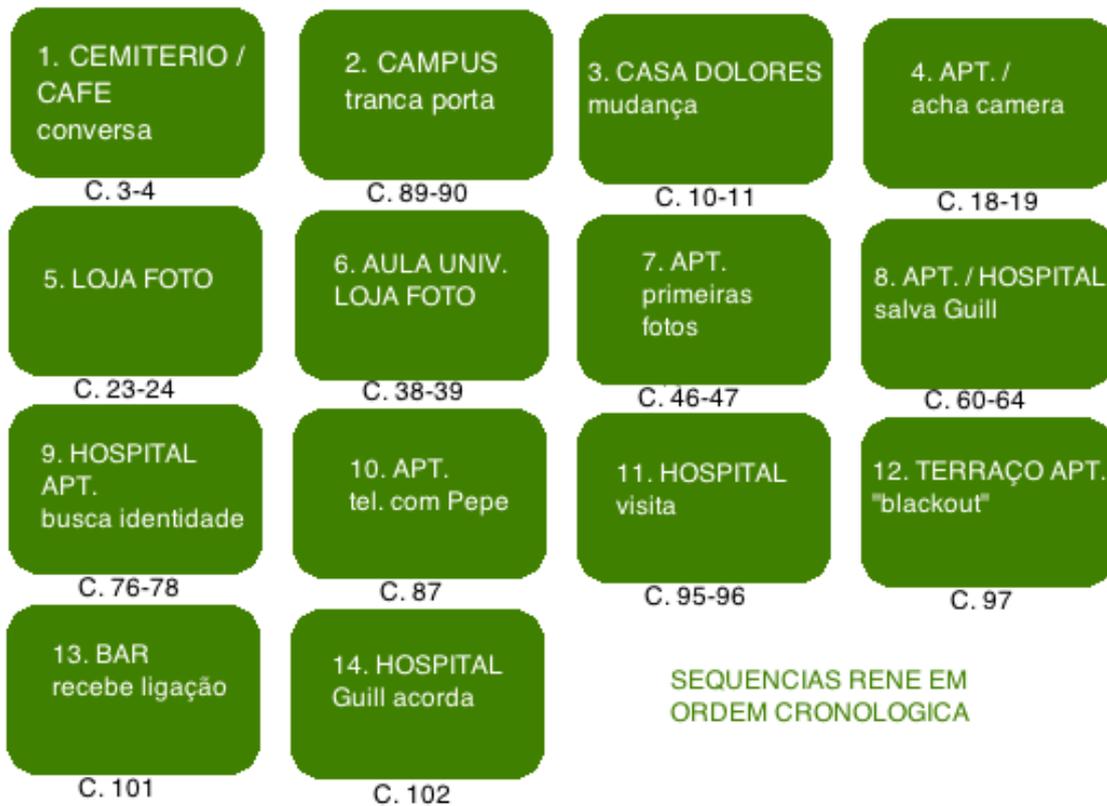
A estrutura narrativa do longa-metragem Janela de Sankofa é composta de três histórias entrelaçadas. A primeira é constituída pelas sequências de Clara, que, se foram dispostas em ordem cronológica crescente, com as cenas correspondentes abaixo de cada sequência, é representada conforme o Diagrama 1:



A segunda história refere-se à trajetória de Guill, cujas sequencias estão dispostas em ordem cronológica crescente, conforme o diagrama 2:



Por fim, há a terceira história que narra a trajetória de René, representada pelo diagrama 3, por meio de uma ordem cronológica crescente.



As três histórias são apresentadas ao longo do roteiro de maneira entrecruzada. Funcionam como três diferentes linhas de ações que se relacionam numa montagem sincrônica, conforme está representada no diagrama 4, dividido em 4 partes.

Diagrama 4 – parte 1

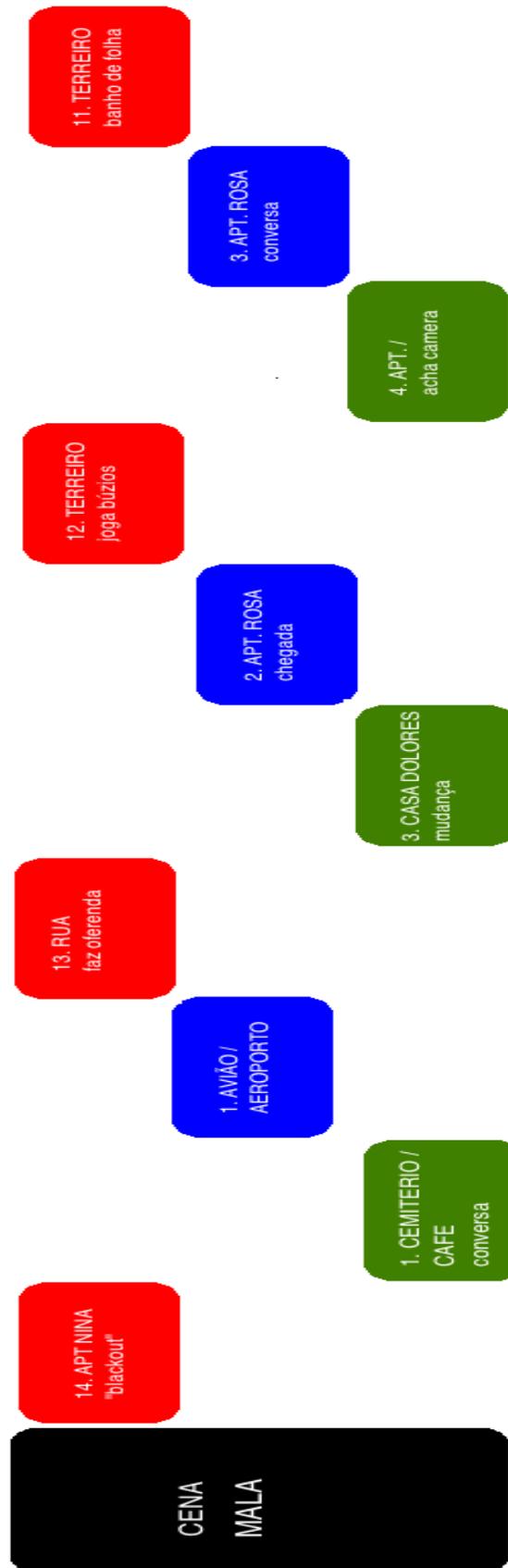


Diagrama 4 – parte 2

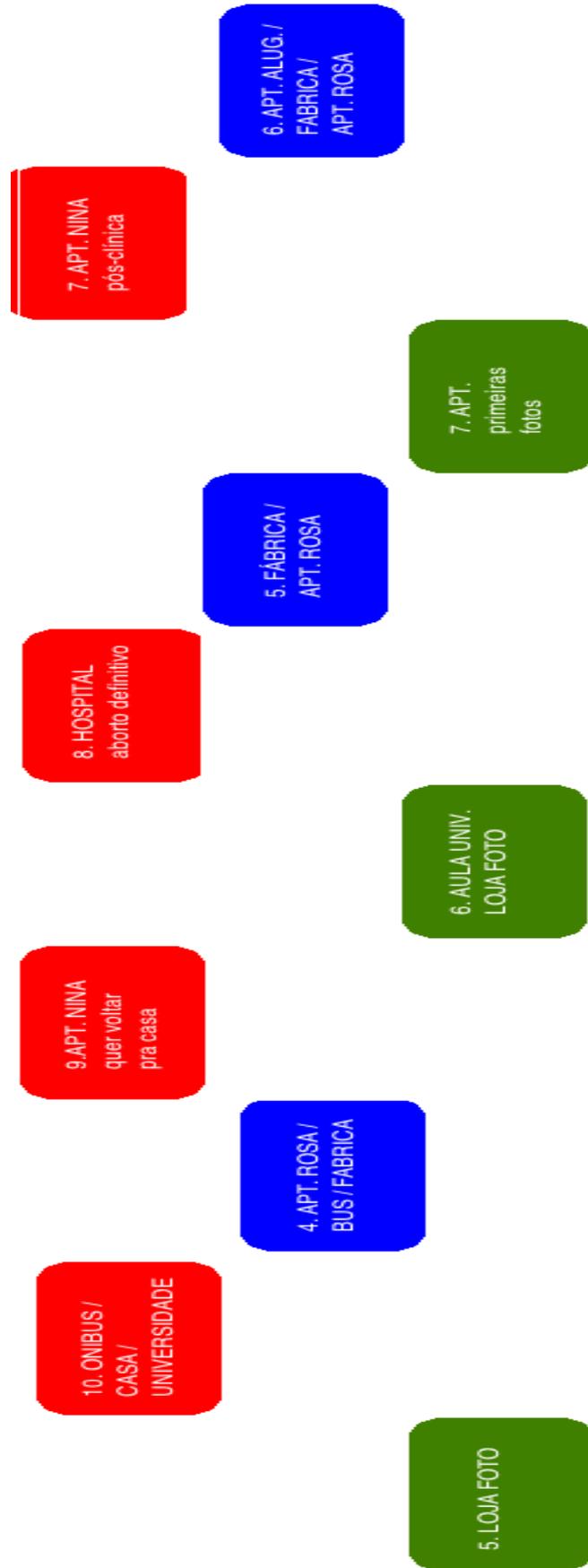


Diagrama 4 – parte 3

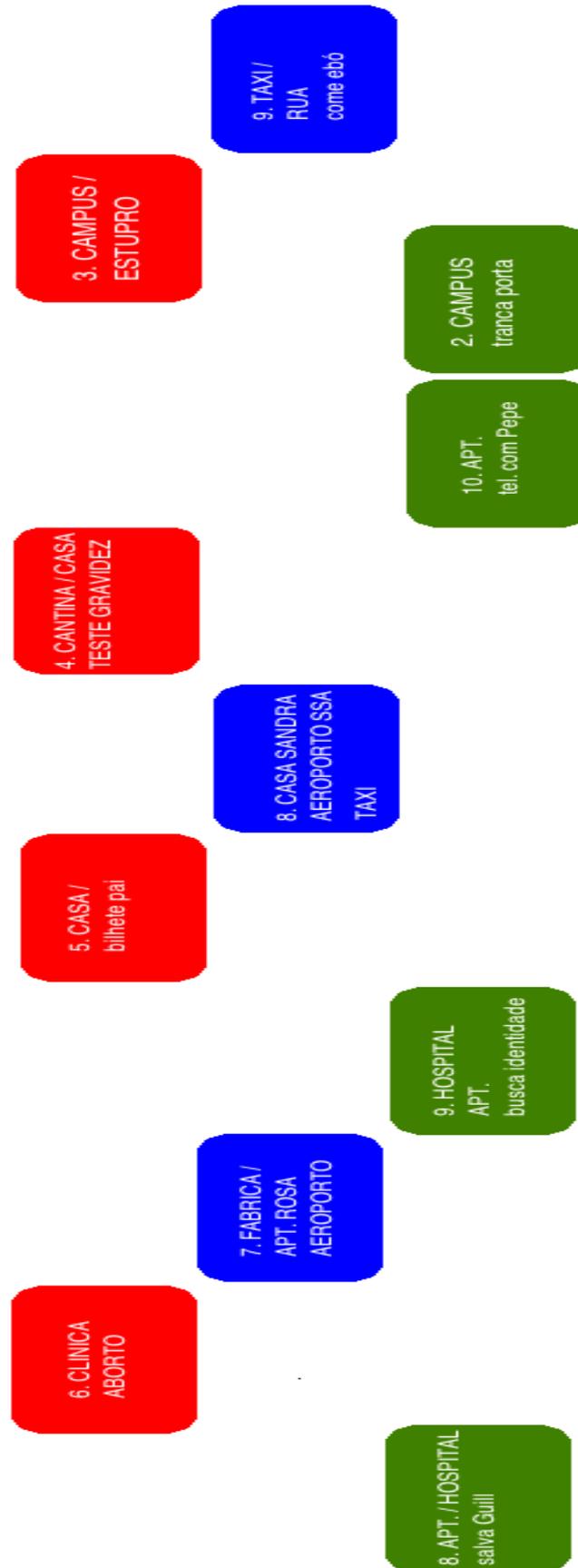
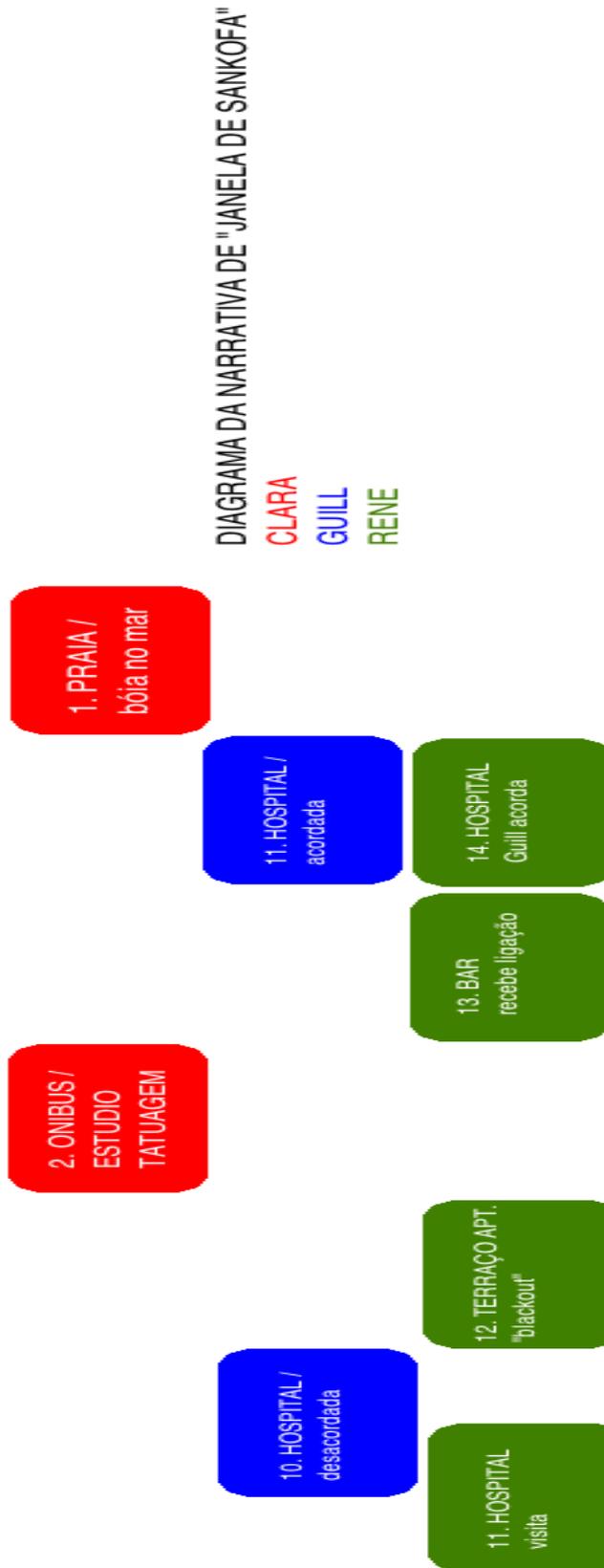


Diagrama 4 – parte 4



PARTE II – O ROTEIRO DO LONGA-METRAGEM JANELA DE SANKOFA

Janela de Sankofa

Gustavo Carvalho

guscarvalhos@gmail.com
71-91850739

1 EXT. RUA DE EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS - AMANHECENDO

FADE IN

A tela preta vai clareando bem lentamente. Está amanhecendo. Ouvem-se pássaros. Uma grande mala de viagem verde está abandonada na calçada de uma rua, ao pé de uma ladeira de prédios residenciais. Uma pessoa passa. Um carro passa. Dois carros. Três pessoas. Uma van escolar. Um vendedor de pão para, olha a mala, e segue.

VENDEDOR DE PÃO

Olha o pããão! Tem cassetinho, tem de milho e tem de leite! Olha o pããão!

2 INT. APT DE NINA/VARANDA - FIM DE TARDE

Duas jovens estão sentadas de frente, uma para a outra, no parapeito da pequena varanda de um apartamento, fumando e ouvindo Maurício Pereira num volume baixo. CLARA é uma garota de 19 anos de postura firme - movimentos precisos e coluna ereta, 1,65m, sarará dos olhos de cor indefinida, sardenta dos cabelos ondulados cor de fogo, na altura do omoplata. Boca desenhada; estrutura corporal, pés e mãos fortes. Unhas pintadas com esmalte vermelho descascando; peitos médios que pesam suavemente, marcando a blusa folgada que usa sem sutiã, com as mangas enroladas; pernas grossas com sardas no joelho, à vista pois usa um short preto de lycra. Tem o símbolo sankofa tatuado no braço esquerdo. NINA tem a mesma idade de CLARA. Garota magra, baixa, de olhos grandes e cabelos loiros na altura do ombro. Usa um óculos antigo de acetato marrom-claro, que fica harmônico no seu rosto amplo. Pés pequenos e mãos idem, segura um cigarro com os braços cruzados. NINA observa CLARA com olhar perdido e pergunta com carinho e preocupação.

NINA

Tá pensando em quê, baby?

Sem mexer os olhos, CLARA responde cansada, com seu sotaque levemente paulista.

CLARA

Que eu preciso tomar um banho de mar.

NINA dá um trago no cigarro.

NINA

Desde o dia do trote, né?

CLARA

É.

(CONTINUA)

NINA

Faz tão pouco tempo... Parece que tem uma vida.

CLARA olha pra NINA e fala sorrindo suavemente.

CLARA

Pra mim já é tempo demais, Nina.

Ouve-se um grito vindo da rua. CLARA e NINA se viram rápido para procurar o grito nos prédios à volta. De repente, ouve-se um estalo de curto-circuito e falta luz na rua toda. O som para de tocar. CLARA se assusta.

CLARA

Nossa!

NINA desce do parapeito.

NINA

E aí, vamos?

CLARA

Pra onde?

NINA

Pra praia!

CLARA

Agora? Daqui a pouco o sol tá sumindo já!

NINA segura na mão de CLARA como quem quer tirá-la do parapeito.

NINA

Vamo, Clarinha, você vai se sentir bem! A gente não sabe quando vai voltar a luz. Além do quê...

CLARA

(sorrindo)
Ir à praia é sempre uma boa ideia.

NINA

...ir à praia é sempre uma boa ideia.

Riem juntas enquanto CLARA desce do parapeito.

3

EXT. CEMITÉRIO - DIA

Venta bastante em um funeral onde não há muitas pessoas. O caixão está sendo posto na cova. RENÉ, homem de quase 60 anos, 1,75m, branco-brasileiro, magro, cabelos grisalhos, expressão desenxabida, barba por fazer, veste um blazer verde escuro e está abraçado com ANGÉLICA, que chora.

(CONTINUA)

ANGÉLICA é uma mulher de 30 e poucos anos, alta, branca, gordinha e estilosa. Seu rosto tem traços fortes e ela usa maquiagem carregada. AMIGOS e FAMILIARES de RENÉ jogam flores no túmulo.

4 INT. CAFÉ PALACIO - DIA

RENÉ e ANGÉLICA estão sentados em uma mesa no Café Palacio. O GARÇOM chega com um café expresso, uma torta salgada e um suco.

GARÇOM

Com licença. Suco de laranja e torta de frango para a senhora...

Serve a torta e o suco para ANGÉLICA

ANGÉLICA

Obrigada.

GARÇOM

Expresso para o senhor... açúcar ou adoçante?

RENÉ

Não precisa, obrigado.

GARÇOM

Com licença.

O GARÇOM sai. René levanta a xícara, cheira e toma um gole. Olha para dentro da xícara, segurando ainda próxima do rosto, saboreando o café.

RENÉ

Acho que desde que comecei a tomar café sem açúcar me tornei uma pessoa mais amarga.

ANGÉLICA

(sorrindo suavemente)

Você toma café sem açúcar desde que eu consigo me lembrar, pai.

RENÉ

Então acho que já sou amargo há muito tempo...

ANGÉLICA

(jocosamente)

Tá querendo dizer que eu tô velha?

RENÉ repousa a xícara e olha nos olhos de ANGÉLICA

RENÉ

Não, filha, não foi isso que...

ANGÉLICA interrompe.

ANGÉLICA

(séria)

Pai, eu tô preocupada com você!

RENÉ

Tsc! Ah, eu vou ficar bem. Eu tô bem... não se preocupe. Como é que tá o Marco?

ANGÉLICA

Pai! Você morou com a vovó Dolores a vida inteira, como é que fica agora?

RENÉ

Do mesmo jeito, ué! Era eu que cuidava dela, e não o contrário. (pausa) Vai me sobrar é tempo. Ela precisava descansar, e acho que eu também

ANGÉLICA

É isso que eu tô preocupada... (pausa) O Marco tá bem, viajou hoje... (agoniada) Você mal sai com seus amigos, e a última namorada que conheci foi na minha formatura!

RENÉ

(sorri)

E agora minha anjinha já é enfermeira-chefe do Hospital Santa Inês... que orgulho!

ANGÉLICA

Só de você falar já fico cansada...(pausa) e a casa?

RENÉ

Já vendi, foi a coisa mais fácil do mundo! A construtora enchia o saco há anos... Aí eu joguei o preço lá em cima, também! (sorri) Ontem fui ver umas casas em Itapuã... mas já tô quase fechando é um apartamento, mesmo!

ANGÉLICA

Que maravilha, pai!

RENÉ

É... Um quarto-e-sala bacana, com cobertura e tudo!

ANGÉLICA

(ansiosa)

Eu posso te ajudar na mudança também! Quando é que vai fazer? Pai, você sabe que tô aqui pra o que você precisar, né?

RENÉ

(sorri)

...vamos nos ver de novo essa semana?

ANGÉLICA

Claro! Que dia é bom pra você?

ANGÉLICA come um pedaço de torta, toma um gole de suco e pega um smartphone na bolsa.

RENÉ

Amanhã, quarta...

ANGÉLICA olha no celular.

ANGÉLICA

Eu só posso na quinta.

RENÉ

Ih, quinta eu dou aula à noite... e essa semana vou ficar na faculdade até às 22h. Tenho que trancar o prédio de matemática porque uma parte dos seguranças vão entrar em paralisação.

ANGÉLICA

E vai ter aula, é? Que absurdo...

RENÉ

Pois é. Você pode às 22h?

RENÉ toma o restante do café num gole, olhando para ANGÉLICA.

5

INT. AVIÃO - DIA

Uma AEROMOÇA caminha pelo corredor de um avião, pedindo aos passageiros que fechem suas bandejas e reclinem suas poltronas. Para ao lado da poltrona onde está sentada GUILL, uma mulher de 40 anos, com traços indígenas suaves e cabelos presos bem pretos, vestindo um suéter azul de alpaca, tipicamente boliviano, uma saia até os joelhos e óculos escuros. Nota-se que ela está dormindo pela boca entreaberta, então é acordada pela AEROMOÇA.

(CONTINUA)

AEROMOÇA
Senhora... Senhora...

GUILL acorda num susto.

AEROMOÇA
Desculpe, senhora, estamos
aterrisando. Preciso que alinhe a
sua poltrona e afivele o seu
cinto de segurança.

GUILL
Sim, sim, claro.

GUILL aperta o botão para alinhar a poltrona, passa as mãos no cabelo, ajeita o suéter, os óculos, afivela o cinto, inspira profundamente e expira com força. Abre a janela ao seu lado e observa o céu cinzento de São Paulo.

6 INT. AEROPORTO/IMIGRAÇÃO - DIA

GUILL está na fila da imigração, aguardando, quando é chamada por um FUNCIONÁRIO

FUNCIONÁRIO
Documentos, por favor.

GUILL
Aqui.

O FUNCIONÁRIO olha os documentos, olha para GUILL.

FUNCIONÁRIO
Qual o motivo da sua viagem,
Guillermina Suarez?

GUILL
Turismo, visitar uma amiga...

FUNCIONÁRIO
A sua amiga tem um nome,
endereço...?

GUILL
Rosa Vargas. O endereço está
aqui, só um minuto.

GUILL abre a bolsa. O FUNCIONÁRIO estende os documentos de volta à GUILL

FUNCIONÁRIO
Seja bem-vinda

GUILL fica surpresa.

GUILL
(sorri)
Obrigada.

GUILL pega os documentos e sai do guichê.

7 INT. AEROPORTO/ESTEIRA DE MALAS - DIA

GUILL chega na esteira de malas, vê a sua mala verde (a mesma do início do filme) passando, aperta o passo, pede licença à multidão e pega a mala.

8 INT. AEROPORTO/CASA DE CÂMBIO - DIA

Arrastando a mala, GUILL se aproxima de um guichê numa casa de câmbio.

GUILL
Olá. Gostaria de trocar estes
bolivianos por reais.

GUILL dá o dinheiro à CAIXA. Enquanto ela conta o dinheiro, GUILL olha para o lado e vê um HOMEM e uma MULHER discutindo. A MULHER levanta o dedo em riste e o HOMEM segura no seu braço. A MULHER faz uma expressão de dor. GUILL está imersa na cena, observando atentamente, quando ouve uma voz e se vira como quem acordou de um sonho.

CAIXA
Senhora!

GUILL
Sim? Desculpe.

CAIXA
Aqui está.

GUILL se vira de volta para o casal brigando, mas eles já não estão mais lá.

9 EXT. RUA PRÓXIMA AO APT DE RENÉ - NOITE

Caminhando por ruas enladeiradas de uma área residencial de classe média, CLARA está acompanhada de DIOGO e OGÃ JOSUÉ. DIOGO é um jovem de 20 anos muito alto, negro escuro, barbado, com sorriso grande e pele brilhosa. OGÃ JOSUÉ é um homem negro claro, magro e baixo, de cabeça raspada. Tem pouco mais de 30 anos mas a expressão marcada e envelhecida. A rua está completamente vazia e todos eles se vestem com roupas vermelhas e pretas. CLARA segura velas vermelhas e pretas, uma caixa de fósforos e um maço de cigarros. DIOGO carrega duas garrafas de cachaça enquanto OGÃ JOSUÉ, caminhando um pouco à frente, leva nos

(CONTINUA)

braços um volume grande, coberto por um pano branco. CLARA e DIOGO seguem lado a lado, pisando com passos firmes. Ela deixa uma vela cair no chão e antes que pare, DIOGO a segura pelo braço e continua andando. Sussurra.

DIOGO

Não olhe pra trás, não olhe pra trás...

Na esquina de um terreno baldio, OGÃ JOSUÉ para de supetão e fala com firmeza.

OGÃ JOSUÉ

Aqui.

CLARA e DIOGO interrompem os passos bruscamente e ficam olhando para OGÃ JOSUÉ. OGÃ JOSUÉ olha para CLARA e DIOGO. Os dois se aproximam. OGÃ JOSUÉ se abaixa para deixar o volume que carrega no chão e DIOGO faz o mesmo com as garrafas de cachaça. CLARA fica hesitante. DIOGO acena com a cabeça para CLARA, que nervosamente abre o maço de cigarros e coloca no chão enquanto OGÃ JOSUÉ retira o pano branco, revelando um prato de barro com comida. No prato, carne de galo com farofa de dendê e pimentas vermelhas inteiras por cima.

OGÃ JOSUÉ

Laroiê, Exú!

DIOGO E CLARA

Laroiê, Exú.

OGÃ JOSUÉ começa a falar uma mistura de dialetos africanos com português.

HOMEM2

Èsù òta òrìsà. Osétùrá ni oruko
bàbá mò ó. Alágogo Ìjà ni orúko
ìyá npè é, Èsù Òdàrà, o homem
forte de idólófin... protege esta
menina Clara... O lé sónsó sí orí
esè elésè Kò je, kò jé kí eni nje
gbé mì, A kùlù lówó láì mú ti Èsù
kúrò, A kùlù lóyò láì mú ti Èsù
kúrò, Asòntún se òsì láì ní ítijú
...não deixe que o mal volte a
cruzar o caminho dela... Èsù
àpáta sómo olómo lénu, O fi okúta
dípò iyò. Lódgemo òrun, a nla
kálù, Pàápa-wàrà, a túká máse sà,
Èsù máse mí, omo elòmíràn ni o
se. Èsù òta òrìsà... abre os
caminhos dessa menina pra que ela
possa seguir em paz com sua
vida... Osétùrá ni oruko bàbá mò
ó.

Silêncio por alguns segundos.

HOMEM2
Laroiê, Exu!

DIOGO E CLARA
Laroiê, Exu!

10 INT. CASA DE DOLORES/QUARTO - DIA

RENÉ está despendurando quadros, embrulhando-os em plástico bolha enquanto ANGÉLICA encaixota porta-retratos no quarto de uma casa. Há um colchão fora da cama, encostado verticalmente na parede e o cômodo está cheio de caixas fechadas espalhadas. ANGÉLICA retira uma fotografia de um porta-retrato onde estão ela, RENÉ e DOLORES.

ANGÉLICA
Pai, posso ficar com essa?

RENÉ
(se aproximando)
Qual?

RENÉ olha para a foto, sorri e volta para os quadros.

RENÉ
Ah, pode. (pausa) Sua vó adorava essa foto. Dizia que quando você nasceu ela ainda era um mulherão. (sorri) E que você era igualzinha a ela quando criança, então você ia ser um mulherão também. Deve ter mais fotos guardadas no armário.

ANGÉLICA coloca a foto de volta no porta-retratos e guarda na bolsa.

RENÉ
Vou pegar mais plástico-bolha, você quer alguma coisa?

RENÉ sai. ANGÉLICA abre o armário, olha as roupas da avó e vê uma mala verde pequena no maleiro. Puxa a mala, que cai fazendo um barulhão.

RENÉ
(off)
Angélica?

ANGÉLICA
Não foi nada, pai!

ANGÉLICA senta-se no chão e abre a mala. Dentro da mala: um casaco, um lenço, duas caixas (uma pequena, de jóia, e

uma grande), papéis e um álbum de fotografias. ANGÉLICA examina os objetos. Dentro da caixa maior, uma câmera fotográfica antiga. Dentro da caixa menor, uma gargantilha de metal. Abre o álbum, olha as fotos, que são de RENÉ e SIMONE, nus, e se emociona. RENÉ entra no quarto e vê ANGÉLICA olhando as fotos sentada no chão, chorando. Senta ao lado dela e passa o braço pelo seu ombro.

ANGÉLICA

Eu nunca tinha visto essas fotos...

RENÉ

São de uma viagem que a gente fez à Santa Catarina logo que se conheceu. (aponta para uma pessoa na foto) Essa aqui era uma amiga de sua mãe que fazia parte de um clube de naturistas. Ela levou a gente nessa praia de nudismo, chamada Praia do Pinho. Lugar lindo!

ANGÉLICA

(rindo)

Não consigo imaginar você concordando com um programa desses!

RENÉ

Eu fiquei super travado! Mas sua mãe tava doida pra ir... Logo depois ficou na moda e começou a sair em tudo quanto era revista, porque na ditadura era proibido.

ANGÉLICA

Ela parecia uma índia, ainda mais assim peladona...

RENÉ

Acho que ela tinha... ou tem, espírito de índia mesmo.

ANGÉLICA continua passando as fotos.

ANGÉLICA

Eu não tenho nada a ver com essa mulher...

RENÉ

Claro que tem, filha. Fisicamente, nem tanto, mas se você vir o jeito de falar...

ANGÉLICA olha nos olhos do pai e levanta um pouco a voz.

ANGÉLICA

Ver como, pai?!

RENÉ fica sem reação, olhando de volta para a filha.
ANGÉLICA continua, mais calma.

ANGÉLICA

Eu não tenho mais raiva... Só queria que ela procurasse a gente um dia, desse um sinal de vida, só pra se conhecer mesmo. Sem cobranças, sei lá.

RENÉ se levanta.

RENÉ

(nervoso)

É... agora se ela procurar nessa casa, não vai achar mais ninguém! Vamos voltar pra arrumação?

ANGÉLICA

Eu preciso ir, tenho plantão no hospital. Você vai querer guardar isso tudo ainda, pai?

RENÉ

Deixe aí, deixe aí, depois eu vejo...

ANGÉLICA guarda as coisas de volta, fecha a mala e deixa encostada num canto. Se despede do pai e sai do quarto. RENÉ fica sozinho, finalizando a arrumação. Olha para a mala, interrompe o que está fazendo e olha ao redor. Vai até uma janela do quarto, bem antiga e pequena, onde se passa pouca luz. René força uma proteção da janela, que se quebra, deixando entrar um forte fecho de luz solar através do vidro. René olha pelo buraco da janela e chora. Um caminhão se aproxima, na rua, do lado de fora.

11 EXT. PORTA DA CASA DE DOLORES - DIA

Um caminhão de mudanças para na frente da casa.

12 EXT. RUA DO PRÉDIO DE ROSA - DIA

Um táxi para na porta de um prédio em uma rua de um bairro da periferia de São Paulo, com edifícios pequenos, envelhecidos e simples. GUILL sai do táxi e entra no prédio.

13 INT. PORTA DO APT DE ROSA - DIA

GUILL termina de subir os últimos lances de uma escada e chega num hall. Olha a porta de um lado, olha a porta do outro lado, se aproxima e buzina. Ninguém responde. GUILL olha à volta, vai até um vaso de plantas, pega uma chave e entra no apartamento.

14 INT. APT DE ROSA/SALA - DIA

O apartamento é organizado, mas muito pequeno. GUILL entra arrastando sua mala com cuidado. Encosta a mala num canto, para, observa as coisas ao seu redor e caminha lentamente. Há um sofá encostado numa parede com uma janela. Junto ao sofá um vaso de plantas. GUILL se aproxima, ajoelha no sofá e toca na terra. Desce do sofá e entra na cozinha.

15 INT. APT DE ROSA/COZINHA - DIA

GUILL pega uma vasilha em cima da pia e enche de água, observando a cozinha, que é pequena e organizada, como a sala.

16 INT. APT DE ROSA/SALA - DIA

GUILL volta com a vasilha cheia de água, se ajoelha no sofá novamente, para regar a planta. Um gato se aproxima de GUILL e encosta no seu braço. GUILL se assusta.

GUILL

Oi, gato! (sorri, acariciando)
Por que não abriu a porta para mim, hein?

GUILL está de cara para uma janela grande, mas um pouco suja. Ela esfrega a manga da camisa na janela e observa a cidade caótica e cinza do lado de fora.

17 INT. CASA DO TERREIRO DE MÃE EMORIÔ - DIA

Numa espécie de tenda dentro de uma casa, cheia de ornamentos de candomblé nas paredes e velas acesas no chão junto a potes de barro, MÃE EMORIÔ, uma senhora de 80 anos, negra, cabelos completamente brancos, vestida com as roupas características de uma mãe de santo, está sentada em uma cadeira, com uma mesa à sua frente. Na mesa, búzios e um cesto com pedras e moedas. CLARA está sentada numa cadeira de frente para MÃE EMORIÔ, que joga búzios para ela.

MÃE EMORIÔ

Ah, Clara, você é uma
guerreira... Só uma filha de Ogum
(continua)

(CONTINUA)

MÃE EMORIÔ (continua)
mesmo pra ter a força que você
teve.

CLARA
Eu tô esgotada, sem força...

MÃE EMORIÔ
Você veio aqui em busca de sua
paz, mas a sua cabeça está em
guerra...

CLARA
Eu quero me ver livre da cabeça,
dessa história toda.

MÃE EMORIÔ
Clara, Clara... (pausa) Você tem
certeza do que quer, filha! Eu
sei! (pausa) Você vai ficar
bem... Minha filha, os orixás
gostam de oferendas em troca de
auxílio, proteção... e até
pedidos. Mas você tem que ter
certeza do que está fazendo,
minha filha! Você tem que
conhecer as janelas que abre à
sua frente, minha filha, pra
poder se virar sossegada. Você
vai olhar através delas para o
resto da sua vida (pausa)
(aumenta o tom de voz) ou você
fecha! (pausa) e essa decisão é
para sempre, filha. Só assim, só
assim.

CLARA
Eu faço o que for preciso.

MÃE EMORIÔ
(de olhos fechados)
É preciso um galo... um galo e
farofa. Hahaha! Cigarros! E
cachaça, claro, cachaça...

CLARA arregala os olhos e cerra os punhos.

18 EXT. RUA DO APT DE RENÉ - DIA

O mesmo caminhão de mudanças agora está parado em outra
rua, na porta de um prédio. O caminhão acelera e vai
embora, revelando RENÉ na porta do prédio. Ele entra no
prédio.

19 INT. APT DE RENÉ/SALA - DIA

RENÉ entra no apartamento e se deita no sofá, que ainda está envolto em plástico, exausto. Olha para o teto. A sala do apartamento é pequena e tem uma janela bem grande, que está fechada. Há várias caixas ao redor. RENÉ vê a mala de recordações de SIMONE e puxa para perto. Abre e analisa os objetos, especialmente a gargantilha e a câmera fotográfica, que está junto a um bilhete, que diz: "a gente vê o mundo com os olhos que tem. registre as maravilhas que encontrar no seu. feliz aniversário. um beijo, simone". Mexe na câmera, curioso, e abre a tampa traseira, sem querer. Fica surpreso ao ver que tem um filme usado dentro. Fecha a câmera e fica pensando.

20 INT. APARTAMENTO DE ROSA/SALA - DIA

ROSA entra em casa e encontra GUILL encostada no sofá, dormindo como quem pegou no sono sem querer. Barbieri, seu gato, está deitado ao lado de GUILL e desce do sofá para receber ROSA. ROSA fecha a porta, pendura bolsa e chaves e se aproxima de GUILL.

ROSA
(sussurrando)
Guill...

GUILL desperta. Senta direito no sofá, ajeita os óculos e sorri para ROSA.

GUILL
Acho que peguei no sono...

ROSA
(sorrindo)
Quer continuar dormindo, minha amiga?

GUILL
Não, claro que não, só estou um pouco zonza, é a pressão baixa.

ROSA
Vou pegar alguma coisa pra você comer.

GUILL
Não precisa, acho que tem sal aqui na minha bolsa.

GUILL come sal.

ROSA
Melhor.

(CONTINUA)

GUILL

Sim...

ROSA

Quanto tempo, minha amiga! Você está tão bonita.

ROSA põe a mão no rosto de GUILL e tira seu óculos, revelando um olho roxo. ROSA muda totalmente de expressão, ficando séria.

ROSA

Mas que filho da puta...

GUILL se levanta do sofá.

GUILL

É passado, Rosa.

ROSA

...como é que chegou a esse ponto?

GUILL

Ele nunca mais vai olhar na minha cara, nunca mais me chamar de vagabunda...

ROSA se aproxima de GUILL.

GUILL

...nunca mais vou ficar acordada à noite porque não consigo dormir de dor. (pausa) Um alcoólatra. Enrico virou outra pessoa, e eu não ia ficar lá pra ver como isso ia acabar.

ROSA abraça GUILL.

ROSA

Seja bem-vinda, minha amiga querida. Você pode ficar aqui o tempo que precisar. Não deve demorar a se ajeitar...

GUILL

A cidade me parece louca.

ROSA

É meio duro viver aqui em São Paulo, mas você se acostuma.

GUILL

Eu só quero começar a trabalhar logo, deixar isso pra trás, esquecer como era. Eu não sei se

(continua)

(CONTINUA)

GUILL (continua)
vou ficar, mas eu não vim pra voltar.

ROSA
Foi muita coragem sua, não tem medo dele te achar?

GUILL
Foi muita covardia dele. (pausa)
Impossível ele saber que estou aqui, aquela besta bêbada não faz a menor ideia de nada...

ROSA
O trabalho já tá tudo certo pra você, estão te esperando amanhã.

GUILL
Fica muito longe daqui?

ROSA
Mais ou menos, tudo é meio longe por aqui, mas você acaba achando perto com o tempo. É fácil chegar, depois te explico, você não quer tomar um banho? comer alguma coisa? desfazer a mala...?

GUILL
Onde eu vou dormir?

ROSA
Aqui na sala, mesmo. Posso conseguir um colchão, ou você dorme aí no sofá. Eu acho bem confortável... separei uma prateleira no armário pra você.

GUILL abaixa a cabeça.

GUILL
Me desculpe, Rosa, eu não vou me demorar aqui... assim que tiver grana pro primeiro aluguel, eu saio!

ROSA
Você pode ficar o quanto precisar, já disse. Deixe de coisa, eu sou sua amiga e quero te ajudar.

GUILL
Obrigado, minha amiga, eu não sei que loucura eu poderia estar fazendo agora se não fosse por

(continua)

(CONTINUA)

GUILL (continua)
você. Mas não dava mais...
(chora)

21 EXT. TERREIRO DE CANDOMBLÉ DE MÃE EMORIÔ - DIA

CLARA está andando de mãos dadas com DIOGO num terreiro de candomblé, em direção à uma casa. DIOGO está vestido todo de branco. O terreiro é uma espécie de chácara de terra batida, num terreno enladeirado. Lugar silencioso com algumas árvores espaçadas, bastante verde em volta. Bandeirolas brancas penduradas pelo terreno e algumas casas bem antigas de telha, compridas e simples, pintadas de verde claro. Galinhas e cabras circulam livremente. Uma criança corre, brincando com as cabras. DIOGO passa por OGÃ JOSUÉ e pede a bênção. CLARA e DIOGO entram em uma das casas.

22 INT. SALA DA CASA DO TERREIRO DE CANDOMBLÉ DE MÃE EMORIÔ - DIA

A sala de entrada da casa está vazia. É ampla, com cadeiras encostadas nas paredes e algumas plantas nos cantos, bandeirolas brancas, verdes e amarelas no teto, ornamentos de palha e quadros com imagens nas paredes. O centro da sala é aberto e tem algumas folhas e pipocas no chão. DIOGO pede que CLARA espere e entra num corredor.

DIOGO
Eu vou falar que você chegou...

CLARA caminha pela sala lentamente, observando os ornamentos à sua volta, para e lê um papel na parede, para si.

CLARA
(sussurrando)
Candomblé não é uma religião de multidão, não é uma religião disposta a atrair fiéis na esquina, pois é vivida no seu ambiente muito particular, no seu mundo muito diferente desse mundo aqui de fora. Uma roça é praticamente um mundo paralelo, pois lá dentro o tempo é diferente, as sensações são diferentes, as personalidades são diferentes, os laços, assim como os conflitos, também. Aprendemos lá dentro como nos portar aqui fora.

DIOGO volta, acompanhado de DUAS MULHERES, trazendo uma bacia com água e muitas folhas.

(CONTINUA)

DIOGO

Mãe Emoriô já vai jogar os búzios
pra você. Vamos fazer o banho
antes, certo?

CLARA

Tá, tudo bem...

DIOGO

Você pode tirar as roupas, deixar
ali em cima e ficar bem no centro
da sala.

CLARA se despe lentamente, um pouco trêmula e arqueada.
Enquanto isso, as duas mulheres mexem na água e nas
folhas. CLARA vai ao centro da sala.

MULHER2

Pode se agachar, querida.

CLARA se agacha e fecha os olhos. Ouve-se um barulho alto
de água jorrando e folhas.

23 EXT. ESTACIONAMENTO MINI SHOPPING - DIA

RENÉ estaciona seu carro na porta de um mini shopping. A
rua é movimentada, cheia de estabelecimentos comerciais.
RENÉ sai do carro carregando uma caixa e umm GUARDADOR de
carro se aproxima.

GUARDADOR

Tá comigo, patrão!

RENÉ olha para o GUARDADOR, acena com a cabeça e entra no
shopping.

24 INT. LOJA DE FOTOGRAFIA - DIA

RENÉ entra em uma loja de fotografia pequena, antiga e
abarrota de produtos. Sem se interessar por nada, vai
direto ao caixa, onde está SAMUEL, um senhor grisalho e
gordo, de barba grande e óculos pequeno na ponta do nariz.
Atrás dele, um papel escrito "Consertamos câmeras
analógicas"

RENÉ

Boa!

SAMUEL

Olá, em que posso ajudar?

RENÉ coloca a caixa em cima da mesa, abre e retira uma
câmera, entregando a SAMUEL.

RENÉ

Eu queria revelar um filme... tá aqui dentro dessa câmera.

SAMUEL pega a câmera e fica analisando.

SAMUEL

Uma raridade... você é colecionador?

RENÉ

Não, não, essa câmera eu ganhei de presente há muitos anos... aí achei guardada numas coisas velhas.

SAMUEL

Parece nova, está uma beleza!

RENÉ

Tem um filme aí dentro, queria revelar.

SAMUEL

E a câmera?

RENÉ

Que é que tem? Deve estar quebrada...

SAMUEL

Posso ver isso pra você, também, se quiser.

RENÉ

Hum... tá bem, então revela o filme e dá uma olhada na câmera pra mim. Mas não faz nenhum reparo sem me falar o valor antes!

SAMUEL

Perfeito! Já tem cadastro com a gente?

25 EXT. PORTÃO DO PRÉDIO DE NINA - DIA

Um portão de metal emite um som de zumbido e se abre. CLARA está com uma mochila nas costas e passa pelo portão. NINA, que vem logo atrás e está de pijama, segura-o aberto. As duas param e se olham.

NINA

Certeza que não quer que eu chame um táxi?

(CONTINUA)

CLARA

Eu tô sem grana, Nina.

NINA

Eu tenho aqui, te empresto.

CLARA dá um sorriso e se atira em NINA, abraçando-a bem forte, e enchendo os olhos de lágrimas.

CLARA

Obrigada, obrigada, obrigada por tudo! Eu nunca vou esquecer de nada do que você fez por mim... você pode contar comigo pra qualquer coisa nessa vida, eu te amo!

NINA também se emociona. Desfazem o abraço.

NINA

Qualquer coisa me liga. Se precisar voltar pra cá, a hora que quiser...

CLARA

Eu tô bem, dá pra ir de busú, e quero caminhar um pouco.

NINA

Tá, manda uma mensagem quando chegar, então.

26 EXT. RUA DO PREDIO DE NINA - DIA

CLARA desce a ladeira onde fica o prédio de NINA, para numa banquinha de frutas, compra uma pinha e sai comendo.

27 INT. ÔNIBUS - DIA

CLARA está sentada no ônibus, com o olhar perdido pela janela, quando uma conversa ao seu lado chama atenção.

MULHER

Ah, minha filha, mas aquilo ali, aquilo foi bozó... Só pode! Eu já vi já gente ficar assim, já. mas de uma hora pra outra assim, eu nunca vi, não. E ele fazia muita maldade aos outros, tenho certeza que fizeram um bozó pra ele. E mereceu, a miséria...

28 INT. CASA DE CLARA/SALA - FIM DE TARDE

CLARA entra em casa e bate a porta com cuidado.

CLARA

Pai?

MARCOS

Clá?

Ouvem-se passos apressados. O pai de CLARA chega na sala e abraça sua filha forte, que não o abraça de volta com a mesma emoção.

MARCOS

Minha filha do céu... você tá bem?

CLARA

Tô, pai, tô bem sim... tô viva, ó!

MARCOS

Mas por que você fez isso? Onde você tava?

CLARA se desvia do pai e começa a andar.

CLARA

Viajando, te falei que tava precisando. Vou pro meu quarto.

MARCOS

Clara isso não pode ficar desse jeito! Você vai embora assim sem mais nem menos e deixa seu pai desesperado em casa? Isso não vai ficar sem punição, você tá me ouvindo? E ai de você se faltar aula amanhã!

Ouve-se uma porta batendo.

29 INT. CASA DE CLARA/BANHEIRO - NOITE

CLARA sai do banho e se enrola numa toalha. Vai até a pia e começa a escovar os dentes. O espelho está todo embaçado. CLARA cospe a pasta de dente na pia, lava as mãos e a boca e passa a mão no espelho. Olha nos próprios olhos por alguns instantes e começa a chorar.

30 INT. CASA DE CLARA/QUARTO DE CLARA - NOITE

CLARA está de pijama, deita na cama, pega uma foto da sua mãe na cabeceira, dá um beijo na foto. O seu rosto está vermelho e molhado.

CLARA
Boa noite, mãe.

Ela se vira e fecha os olhos.

31 INT. FACULDADE DE TEATRO/SALA DE AULA - DIA

Ao final de uma aula, CLARA chama DIOGO para conversar.

CLARA
Di, vem cá.

DIOGO
Oi, amor.

CLARA
Eu queria uma ajuda sua.

DIOGO
Diga!

CLARA
Na verdade, uma ajuda espiritual.
E você pode me ajudar... me leva
num terreiro?

DIOGO
Claro que levo! Que ótimo, você
vai adorar lá a Roça da Mãe. Você
não sabe seu santo, né? Eu aposto
como você é de Ogum!

CLARA
Eu quero saber isso, quero ouvir
conselhos pra minha vida
também... mas eu quero fazer
alguma coisa!

DIOGO
Como assim? Você pode tomar um
banho de folha, pra te abrir os
caminhos. Eu ia até sugerir que
você fizesse... O momento é todo
pra você se purificar.

CLARA
Legal, legal... mas eu preciso
fazer alguma coisa mais, não sei.

(CONTINUA)

DIOGO

Eu vou te levar pra ver Mãe
Emoriô, Clarinha. Você vai comigo
lá no terreiro dela, pode deixar.

32 INT. APT DE ROSA/SALA - DIA

Uma porta que dá para a sala se abre, deixando sair uma boa quantidade de vapor. Em seguida, GUILL, com os cabelos molhados e presos, sai pela porta vestida com uma calça jeans e uma blusa confortável, segurando uma toalha velha e uma necessaire cor-de-rosa em uma das mãos e um saco com roupa suja na outra. Ao fundo, ouve-se um barulho de secador de cabelo.

GUILL

Rosa!

GUILL anda pela sala, coloca o saco e a necessaire em cima do sofá, que está forrado com roupa-de-cama, afasta a sua mala, se ajoelha no sofá e pendura a toalha na janela.

GUILL

Rosa!?

ROSA

(off)

Oi! Só um minuto!

GUILL arrasta a mala de volta para o lugar, abre, vasculha um pouco, guarda a necessaire dentro da mala, fecha, e coloca o saco no chão, ao lado da mala. Fica olhando para o seu espaço improvisado e senta no sofá. Olha ao redor da sala, se levanta e muda a mala de lugar, na tentativa de que ocupe menos espaço na sala. Vai até o cabide ao lado da porta de entrada, tira uma bolsa, tira outra bolsa que estava embaixo da primeira, e coloca de volta a primeira bolsa no lugar. Anda até a porta do quarto de ROSA e, incomodada, dá duas batidinhas leves.

GUILL

Rosa, querida, já estou indo.

ROSA

(off)

Oi??

GUILL

(um pouco mais alto)

Disse que já estou saindo!

ROSA

(off)

Está bem, boa sorte! Pegou o
endereço e ônibus direitinho?

(CONTINUA)

GUILL

Sim, sim. Só preciso pegar o casaco, que está aí.

ROSA

(off)

Ah, claro, já vou!

Ouve-se um som de secador de cabelo desligando.

33 INT. ÔNIBUS - DIA

GUILL está dentro de um ônibus lotado, e consegue sentar numa cadeira quando uma pessoa se levanta. Olha um pouco pela janela, abre a bolsa e retira um jornal e uma caneta. Abre o jornal na seção de classificados e circula alguns anúncios.

34 EXT. RUA DA FABRICA - DIA

Em uma rua mal asfaltada, esburacada, com algumas partes de terra e casas muito humildes, GUILL caminha com passo firme. Para em frente a um portão de uma casa com muro alto e buzina num interfone.

INTERFONE

Pois não?

GUILL

O-olá, bom dia, aqui é Guillermina. Seu Carlos está me esp...

O portão elétrico se abre. GUILL entra.

35 EXT. FABRICA/ENTRADA - DIA

GUILL fecha o portão atrás de si. O terreno é grande, e logo à sua frente, ela vê uma casa. GUILL caminha se aproximando da porta da casa quando ouve chamarem.

SEU CARLOS

Ei, psiu. Né aí não.

GUILL se assusta e vira para o lado e vê SEU CARLOS. Ele é um homem branco, gordo, forte, com os cabelos lisos penteados com gel. Usa uma camiseta regata por dentro da calça e está com um palito na boca.

GUILL

Me desculpe, senhor. Entrei e não vi ninguém, achei que fosse...

SEU CARLOS

Eu sou Carlos. Venha por aqui.

SEU CARLOS e GUILL dão a volta pela lateral da casa e chegam até o fundo do terreno, onde há uma espécie de galpão. SEU CARLOS abre a porta do galpão e entra na frente de GUILL. Ela tem que apertar o passo pra segurar a porta que quase se fecha antes dela entrar.

36

INT. FABRICA DE ROUPAS - DIA

O galpão é um lugar bagunçado e mal iluminado onde há tecidos, rolos de linha de costura, caixas com roupas e acessórios de vestimenta por todos os lados. Quinze máquinas de costura alinhadas delineiam o espaço onde algumas pessoas já estão sentadas costurando. Uma mulher está pendurando seus pertences em um cabide e se aloca em sua "estação" para começar o trabalho.

SEU CARLOS

Então, Guillermina, é aqui que você vai trabalhar. Alguma pergunta?

GUILL

Não.

SEU CARLOS

Então ótimo, só nunca esqueça do seu horário, nem mais cedo nem mais tarde. Vá se sentar ali...

SEU CARLOS aponta para uma das estações, enquanto PEPE entra pela porta. Ele é um homem baixo, moreno, magro, com a cabeça levemente desproporcional ao corpo. Usa costeletas, boné e uma mochila jeans rasgada.

SEU CARLOS

Ótimo! Pepe, esta é Guillermina, vai começar hoje. Ela vai sentar ali do seu lado e você mostra como é que faz...

SEU CARLOS vai caminhando até a porta.

SEU CARLOS

...daqui pro fim do dia quero 20 peças na mesa dela e só depende de você ensinar direito. A responsabilidade é sua.

SEU CARLOS bate a porta de metal. GUILL olha assustada para PEPE.

(CONTINUA)

PEPE
(sorrindo)
Vamos, se ficar aí parada não faz
nem duas peças hoje!

PEPE vai até a estação, coloca a mochila no chão e se vira para GUILL, mostrando o que é cada coisa.

PEPE
Esta é sua mesa, ok? Esta máquina
funciona assim... Você liga aqui.

Mostra um interruptor.

PEPE
Pisa aqui.

A máquina começa a funcionar, mas emperra.

PEPE
Ah, merda... essa agulha está
emperrando. Se emperrar é só dar
uma mexida aqui e pronto, já está
costurando.

PEPE aponta para o material na mesa.

PEPE
Os panos já ficam aqui na sua
mesa, com os modelos e as
quantidades ao lado nesses
cadernos. Você tem que olhar o
desenho e tentar fazer igual. O
mais parecido possível. Tente não
errar muito, porque eles ficam
bravos se tiverem que jogar
material fora, e descontam do seu
salário. O que for ficando pronto
você coloca do lado de cá da
mesa. É isso. Fácil, não é?

GUILL
Acho que entendi.

PEPE
Então pronto, qualquer coisa tô
nessa mesa aqui do lado, você me
pergunta.

GUILL
Seu Carlos me falou uma coisa de
pontualidade... Ele me pediu pra
chegar 7:10 hoje. Nem mais cedo,
nem mais tarde. Eu não entendi o
porquê disso. Dos minutos, assim.

PEPE

Cada um tem seu horário... Seu Carlos não quer ninguém chegando junto, pra não chamar atenção lá fora. Agora vamos trabalhar que hoje a sua meta é minha.

GUILL senta-se, ainda com a bolsa no ombro, e fica olhando para o monte de pano e linha sobre sua mesa.

37

INT. APT DE NINA/VARANDA - FIM DE TARDE

Vê-se um prédio de cabeça para baixo. CLARA está sentada no parapeito da varanda do apartamento de NINA. Com as pernas para o lado de dentro da varanda e metade do tronco para o lado de fora, CLARA equilibra-se, segurando no parapeito com as mãos, e vê tudo de ponta-cabeça ao inclinar-se. NINA chega de repente e segura as pernas de CLARA, que se assusta.

NINA

Para com isso, Clarinha! Vai ficar testando essa maluquice até cair, é?

CLARA ergue o tronco, ficando sentada, e desce do parapeito num salto. Pega um cigarro em cima de uma mesinha, senta-se no chão, recosta-se no parapeito e acende o cigarro. NINA senta-se ao seu lado.

NINA

Desculpa, eu não queria te assustar...

CLARA

Sabe que eu só me dei conta agora que eu sou uma clandestina? A errada sou eu! (pausa) Essa porra é que tá toda errada... não é justo. É como se nada tivesse acontecido, no máximo uma estatística, mas eu tô aqui fudida... e sem grana! (pausa) E quem é que liga? Talvez pra me jogar na cadeia, alguém ligasse.

NINA se aproxima de CLARA e apóia a mão sob sua perna.

NINA

Eu ligo, porra! (pausa) Eu ligo... Se eu fosse você, eu acho que não teria aguentado.

CLARA se emociona, abaixa a cabeça.

(CONTINUA)

CLARA

Se você tivesse alguém assim na sua vida, que nem você, pra te ajudar... você teria.

NINA

Eu tenho certeza que você não teria feito uma vírgula a menos por mim, Clara.

CLARA

Já tá na hora de eu ir pra casa...

NINA

Você tá se sentindo melhor?

CLARA

Fisicamente? Tô. (pausa) Meu pai já deve estar puto, amanhã eu volto.

NINA

Você sabe que pode ficar o quanto quiser, né?

CLARA aperta a mão de NINA e sorri, com os olhos vermelhos.

38

INT. INSTITUTO DE MATEMATICA/SALA DE AULA - DIA

RENÉ está aplicando prova numa sala de aula com apenas dois alunos. Olha para as janelas escancaradas da sala e cerra os olhos por conta da luminosidade. Olha no relógio.

RENÉ

Vocês tem mais 10 minutos.

O celular de RENÉ vibra e ele sai para atender.

RENÉ

Licença aqui, um minuto.

RENÉ abre a porta da sala, sai pela metade e fica segurando a porta.

RENÉ

Alô... sim... ah, ótimo, passo aí ainda hoje.

RENÉ volta para dentro da sala e fecha a porta

RENÉ

5 minutos, pessoal!

39 INT. LOJA DE FOTOGRAFIA - DIA

RENÉ entra na loja e vai até o caixa.

RENÉ

Oi, vim buscar as fotos e a
câmera.

SAMUEL

Ah, sim, só um instante!

SAMUEL entra numa porta e RENÉ fica observando a loja e os produtos nas prateleiras. Porta-retratos com famílias felizes, pôsteres de propaganda de câmera, caixas de lentes. Uma propaganda com duas fotografias do mesmo lugar e momento em Veneza, uma bem aberta e outra bem fechada, chama a atenção de RENÉ. SAMUEL retorna e coloca as fotografias e a câmera em cima da mesa.

SAMUEL

Aqui está. Tenho algumas notícias ruins...

RENÉ se aproxima do caixa.

SAMUEL

Acho que eu nunca revelei um filme tão antigo! Algumas fotos ficaram queimadas, alguém deve ter aberto a câmera.

RENÉ pega as fotos e passa o olho rapidamente. São fotografias dele com SIMONE e ANGÉLICA ainda bebê.

RENÉ

É... imagino que sim.

RENÉ guarda as fotos.

RENÉ

O quê mais?

SAMUEL

A câmera está ótima, como nova...
Incrível, a maquinaria. Uma raridade nesse nível de conservação... Por outro lado, a lente já era. Tem uma colônia de fungos que está impossível de fazer a limpeza! Já estragaram a lente mesmo, vê?

SAMUEL pega a lente e mostra para RENÉ.

SAMUEL

Infelizmente, não tem como recuperar aqui...

(CONTINUA)

RENÉ

Quanto custa uma lente nova?

SAMUEL

Ah, dessa eu não tenho, já não fabricam mais... mas tem várias que servem, quero dizer, cada câmara tem um encaixe, e os preços variam muito. O que é que você quer?

RENÉ aponta para a propaganda com as fotos de Veneza.

RENÉ

Aquela dali serve?

SAMUEL

Olha, eu acho que sim... vamos ver.

SAMUEL sai de trás do balcão.

40

INT. HOSPITAL SANTA INES/RECEPCAO - DIA

CLARA está quase desmaiando, cambaleante na recepção da emergência do hospital Santa Inês. No guichê, a RECEPCIONISTA pergunta o que ela tem.

CLARA

(ofegante)

Eu... eu perdi muito sangue. Eu preciso de uma ginecologista, um obstetra.

RECEPCIONISTA

Você abortou, senhora? Tem plano de saúde? Me dá sua identidade, rápido.

CLARA

...eu perdi. Eu fiz um aborto, e eu acho que fizeram merda.

A RECEPCIONISTA para de digitar, olha para CLARA por uns segundos, vê uma médica, DRA. VERA, já de saída, e chama a sua atenção. A médica se aproxima da RECEPCIONISTA, já com a bolsa no ombro, como quem está indo embora, se inclina para ouvir o que ela tem a dizer, meneia a cabeça negativamente, sai de trás do guichê e se aproxima de CLARA, que mal percebe a presença da médica.

DRA. VERA

Ei, preste muita atenção. Meu plantão acabou, eu não vou poder te operar, mas eu vou te ajudar, que é pra você não morrer. Eu vou

(continua)

(CONTINUA)

DRA. VERA (continua)
te atender e fazer a sua ficha.
Vou escrever que você teve um
aborto espontâneo, e é isso que
você vai dizer ao médico que te
atender depois de mim. Você tá me
ouvindo?

A vista de CLARA fica escura.

41 INT. HOSPITAL SANTA INES/SALA DE CIRURGIA - DIA

CLARA está deitada na cama, enquanto ouve DRA. VERA fazendo recomendações técnicas às duas enfermeiras. Uma delas é ANGÉLICA. Elas conversam com CLARA.

DRA. VERA
Clara, eu já preenchi sua ficha e
estou saindo. Você não pode falar
a verdade, entendeu? Deus te
ajude.

Enquanto DRA. VERA sai, uma ENFERMEIRA fala com CLARA.

ENFERMEIRA
Isso é sério, menina, quando o
Dr. Álvaro chegar, finge que você
não está ouvindo, deixa que a
gente fala com ele, senão você
vai morrer aqui.

42 INT. HOSPITAL SANTA INES/SALA DE CIRURGIA - DIA/MINUTOS
DEPOIS

DR. ÁLVARO entra na sala de cirurgia. Ele é um homem alto,
bem magro, branco, em torno de 45 anos de idade. Se
aproxima da mesa, olha para CLARA e para as enfermeiras.

DR. ÁLVARO
Qual é o caso?

Ele vai até a ficha de CLARA calmamente, pega e lê. Coloca
de volta no lugar.

DR. ÁLVARO
Deixa eu ver como é que tá isso
aí.

DR. ÁLVARO veste luvas de borracha e estende a palma da
mão aberta para uma das enfermeiras, que lhe entrega uma
ferramenta metálica. Ele então começa a examinar CLARA.

DR. ÁLVARO
Dobre as pernas assim.

CLARA dobra os joelhos.

DR. ÁLVARO

Isso, agora abra, por gentileza.

CLARA abre as pernas e DR. ÁLVARO levanta o lençol que cobre o corpo da garota. Enquanto ele inicia o exame, CLARA olha para ANGÉLICA com cara de medo, buscando algum apoio. ANGÉLICA pisca os dois olhos com força e mantém o contato visual direto com CLARA. CLARA geme de dor. DR. ÁLVARO termina de examinar CLARA.

DR. ÁLVARO

Espontâneo, né? Tá bom.

DR. ÁLVARO tira as luvas e dá a volta pela cama.

DR. ÁLVARO

Vai precisar anestesiá-la a menina que eu vou ter que desfazer uma bagunça aí. Quando é que você fez, hein?

CLARA começa a chorar.

CLARA

Mas eu não fiz nada que...

DR. ÁLVARO

Tá dizendo que eu não sei ver um trabalho de açougueiro, é?

ANGÉLICA

DR. ÁLVARO, este não foi o diagnóstico da DRA. VERA, e...

DR. ÁLVARO

Pelo amor de Deus, ainda me vem defender uma criatura dessas. (pausa) Na hora de fazer é muito bom! Uma maravilha! Todo mundo sabe fazer! Mas pra assumir a responsabilidade...

DR. ALVARO mexe nos aparatos.

ANGÉLICA

DR. ÁLVARO, não tá vendo que é uma menina direita? Tenha piedade...

DR. ÁLVARO

Faz o que quer depois vem aqui pra eu consertar às custas do governo. É brincadeira... Isso é falta de família!

43 INT. HOSPITAL SANTA INES/RECEPCAO - DIA

NINA e DIOGO estão na recepção do hospital Santa Inês. A recepcionista está ao telefone.

RECEPCIONISTA
Sim... Ok... Obrigada.

A RECEPCIONISTA vira-se para NINA e DIOGO.

RECEPCIONISTA
A paciente passou por cirurgia e está aguardando receber alta, no quarto. Vai sair hoje mesmo.

DIOGO fecha os olhos e os punhos. NINA suspira aliviada.

DIOGO
Ai, obrigado, mãe! (pausa) Ela tá na sua casa ainda, NINA?

NINA
Tá, sim.

DIOGO
E vai voltar pra lá, né?

NINA
Eu acho melhor, vamo esperar a gente poder falar com ela.

44 EXT. RUA DA FÁBRICA - NOITE

GUILL e PEPE caminham pela rua do lado de fora do muro alto que cerca o terreno onde fica a fábrica que trabalham. GUILL segura firme a sua bolsa, e PEPE, a sua mochila.

GUILL
Bateu sua meta de hoje?

PEPE
Até passei. Quando Seu Carlos percebe, dá algumas folgas. Mas às vezes reclama, porque passa da quantidade que pediram. (pausa) E você?

GUILL
Quase não termino! Perdi duas camisas porque não acerto fazer aquele gato. Nike e Adidas é facil, mas aquele gato pulando eu não acerto. Não sei se estou sendo muito preciosista...

(CONTINUA)

PEPE

O Tomás me pediu um boné da Puma,
justo porque gosta do gato...

GUILL

Quem?

PEPE

Meu sobrinho. (pausa) Tem sete
anos e é diabético, coitado.

GUILL

Que pena...

Chegam ao ponto de ônibus.

PEPE

A Lucia, minha irmã, já não está
aguentando mais. Se não é o
trabalho, é o Tomás dando
trabalho. E eu mal posso ajudar,
aqui na fábrica o dia todo.

GUILL

Sinto muito, Pepe.

PEPE

Meu ônibus. Tchau, Guill, até
amanhã

GUILL

Até.

GUILL fica abraçada com a bolsa no ponto de ônibus,
sozinha.

45 INT. APT DE ROSA/SALA - NOITE

GUILL está sentada no sofá da sala, com o gancho do
telefone na orelha e um jornal aberto à sua frente.

GUILL

Está bem... não, claro. Tudo bem.
Obrigada de qualquer forma.

GUILL faz um xis em um dos anúncios e liga para outro. O
gato de ROSA passa por cima do jornal.

GUILL

Alô? Oi, eu tô ligando por causa
de um anúncio de um apartamento
para alugar no Jardim Ângela.
(pausa) Isso, a quitinete. Quanto
que vocês tão pedindo no aluguel?
(pausa) Hum. (pausa) Sei. E já
inclui água e luz? (pausa) Certo.

(continua)

(CONTINUA)

GUILL (continua)
E quando que eu posso visitar?
(pausa) Não pode ser mais cedo?
Assim, o mais cedo que você
puder. (pausa) Combinado, então.
(pausa) Obrigada.

GUILL sorri e circula o anúncio várias vezes. Faz um carinho no gato.

46 INT. APT DE RENE/SALA - DIA

RENÉ chega em seu apartamento com a caixa da câmera nas mãos. A sala já está arrumada, o sofá já não tem mais plástico e na parede há um rack com um aparelho de som e vários discos. RENÉ coloca a caixa em cima de uma mesa, vai até o rack, escolhe um disco de Ella Fitzgerald e põe para tocar. A canção é "Nature Boy". RENÉ pega um copo e serve-se de bourbon Jack Daniel's sem gelo. Toma um gole e expressa prazer. Vai até a caixa em cima da mesa, abre, encaixa a lente nova na câmera, e começa a testar. Fotografa o copo de bourbon, um quadro, uma escultura, a janela fechada. Mexe com o zoom mas tem sempre que voltar para que a foto fique boa. Então, ele vai até a janela, abre, e dá de cara com o prédio vizinho, cheio de janelas e pessoas. Aponta a câmera e começa a fotografar os vizinhos fazendo suas atividades cotidianas. De repente para, olha para trás e vê a escada que dá para o terraço do apartamento. Sobe.

47 EXT. APT DE RENE/TERRAÇO - FIM DE TARDE

Segurando a câmera, RENÉ olha ao redor a infinidade de prédios e locais que pode fotografar. Sorri e começa a apontar a câmera para diversas direções, vendo de tudo um pouco, e clicando algumas cenas. Pessoas passeando com cachorro, gente limpando janela de vidro, zelador fumando em terraço de prédio, e finalmente duas garotas sentadas no parapeito de uma janela, CLARA e NINA. Fotografa.

48 INT./EXT. TÁXI - DIA

CLARA está acordando, atordoada, no banco de trás de um táxi, com NINA ao seu lado. NINA está com uma mochila, e paga o TAXISTA

NINA
Aqui, moço.

O TAXISTA tira o troco e dá a NINA.

NINA
Vamos, Clarinha? Chegamos, a gente precisa subir pra você descansar.

NINA sai por uma porta do carro, dá a volta e abre a porta do lado de CLARA, para ajudá-la a sair. NINA apóia o braço de CLARA no seu ombro, bate a porta do carro caminha até o portão do prédio.

49 INT. APT DE NINA/SALA - DIA

As duas entram no apartamento de NINA.

CLARA
Acho que eu tô com fome...

NINA
Vamos, você consegue andar sozinha?

CLARA balança a cabeça pra dizer que sim, tira o braço do ombro de NINA e caminha se apoiando na mesa e nas paredes.

NINA
Vou colocar sua mochila lá dentro e já venho.

50 INT. APT DE NINA/COZINHA - DIA

CLARA abre a geladeira e fica olhando, parada, sem se mexer. Quando NINA se aproxima, nota uma gota de sangue pingando no chão logo abaixo de CLARA, que está de vestido.

NINA
Clara, você tá sangrando... Vá se deitar, fique na horizontal que é melhor. Eu levo alguma coisa pra você comer.

CLARA está muito atordoada para esboçar alguma reação mais forte de espanto, e simplesmente fecha a geladeira, se vira e sai andando.

51 INT. APT DE NINA/QUARTO - ANOITECENDO

CLARA entra no quarto e percebe seu celular tocando dentro da mochila. Abre a mochila e atende sem olhar.

CLARA
Alô. (pausa) Oi, pai... (pausa)
Não, não. Tô bem. (pausa) Eu tô bem, não vou demor... (pausa) só preciso de uns dias fora, pai.
(pausa) eu trouxe o celular pra você saber que eu tô bem, não trouxe? (pausa) (começa a chorar)
não fala assim comigo! (pausa)
olha, eu vou desligar.

(CONTINUA)

CLARA desliga o celular e deita na cama. Seu vestido tem uma pequena mancha de sangue. NINA entra no quarto com uma bandeja com um sanduíche, leite, remédios e um pano úmido. Coloca a bandeja ao lado da cama e dá o pano para CLARA.

NINA

Aqui, você consegue se limpar ou quer que eu ajude?

CLARA

Não, tudo bem.

CLARA se inclina na cama e passa o pano entre as pernas, que sai manchado de vermelho. CLARA dobra o pano e coloca sobre a cama.

CLARA

Vou deitar aqui em cima, pra não sujar nada.

NINA pega a bandeja e senta na cama ao lado de CLARA.

NINA

Seu sanduba misto.

CLARA

Brigada, baby, eu nem sei mais se tô com fome...

NINA

Mas tire uns pedaços e dê um gole, prá você não ficar fraca, vá.

CLARA tira um pedaço do sanduíche e dá um gole no copo de leite.

CLARA

Hmm, tá gostoso. Deixe aqui.

NINA

Foi seu pai que ligou?

CLARA balança a cabeça dizendo que sim enquanto mastiga o sanduíche.

NINA

Ele tá muito bravo?

CLARA

Tá, né... eu nunca dormi na casa de amigo nenhum sem avisar, muito menos fugir de casa assim sem dizer pra onde. Mas acho que tá mais preocupado que bravo.

NINA

Você não vai contar nada pra ele mesmo?

CLARA coloca a comida ao lado da cama.

CLARA

Tsc, eu não... Ainda mais agora, já foi! Eu queria ter abertura com meu pai, Nina, mas ele é muito difícil, não deixa. E eu nunca sei o que é, o clima é sempre meio tenso... ele me critica por tudo. (pausa) Ele se preocupa comigo, sabe? Mas não sei se ia aceitar minha decisão. Fora que já sofreu demais quando a mãe morreu, não quero mais esse peso pra ele.

NINA

Eu sei que é foda, mas seja grata por ter um pai que se preocupa com você. Tem muito pai que não tá nem aí...

CLARA fica olhando para NINA com o olhar perdido.

CLARA

Tô exausta, acho que vou tentar dormir.

NINA

Vá, baby. Não deixe de tomar seus remédios, vai ficar tudo bem. Preciso arrumar algumas coisas e já venho dormir que tô cansada também. Qualquer coisa me chame.

NINA vai levantando da cama quando CLARA aperta a sua mão e sorri para ela. NINA sorri de volta e se levanta. CLARA pega os remédios em cima da bandeja e joga pra dentro da boca.

52

INT. APT DE NINA/QUARTO - AMANHECENDO

NINA está arrumada para a faculdade, CLARA está deitada na cama, dormindo. Ela checa a temperatura de CLARA, deixa um bilhete e sai. Ao som da porta batendo na sala, CLARA desperta. Se remexe na cama, sente dor e se levanta. Vê que na cama há uma mancha muito grande de sangue e sente tontura. Vê o bilhete de NINA e vai ao banheiro.

53 INT. APT DE NINA/BANHEIRO - AMANHECENDO

CLARA entra debaixo do chuveiro e liga a água bem forte, deixando bater na cabeça. Olha para o chão e vê o sangue escorrendo pelo ralo. Passa água no corpo todo, para tirar o sangue, fecha o chuveiro e sai do box. Quando pisa no tapete e vai pegar a toalha, vê que mais sangue está escorrendo por sua perna e tem uma vertigem forte, tendo que se equilibrar na parede.

54 INT. APT DE NINA/QUARTO - AMANHECENDO

CLARA está enrolada numa toalha segurando o celular na orelha.

CLARA

Nina, você já chegou na faculdade? (pausa) Eu não tô bem, tô muito tonta e não paro de sangrar. (pausa) Eu tô indo no hospital, você pode ir comigo? (pausa) Tá, eu vou chamar um táxi então e te encontro lá. (pausa) Isso, no Santa Inês.

55 INT. APTO PARA ALUGAR - DIA

GUILL está numa quitinete mal iluminada, com infiltração nas paredes e uma janela quebrada.

CLÁUDIA

Isso aqui é tudo besteira, você ajeita baratinho. E a gente pode conversar, ver se abate do aluguel. Mas eu já tô fazendo mó preção pra você, hein.

GUILL

Obrigada, deixa eu só anotar seu nome aqui, que já é o quinto que eu vejo essa semana e tô ficando um pouco confusa.

CLÁUDIA

É Cláudia... Gomes... aí você me diz se quiser ver o outro que eu te falei lá em Itaquera, que tá melhor que esse.

GUILL

Tudo bem, obrigada, agora eu tenho que ir que tô muito atrasada.

56 EXT. RUA DA FÁBRICA - DIA

GUILL está correndo para chegar ao trabalho, segurando a bolsa com uma mão e o final de um sanduíche com a outra mão. Chega no portão e tem outra costureira entrando.

GUILL

Olá! Não feche! Sou eu!

A mulher segura a porta para GUILL, que entra.

57 INT. FÁBRICA DE ROUPAS - DIA

GUILL chega atrasada no trabalho.

GUILL

Me desculpe, Seu Carlos, o trânsito...

SEU CARLOS

(pra todos ouvirem)

Eu fui bem claro que o seu horário é o seu horário, e pensei que você tinha entendido.

GUILL

Eu sei, Seu Carlos.

SEU CARLOS

(ainda falando alto)

Tem só um mês que você tá aqui...
Tem um monte de gente querendo seu emprego, viu?

GUILL

Me desculpe, Seu Carlos.

SEU CARLOS

Se você tiver algum problema com o horário me avisa que a gente acerta sua saída! Não tem proble...

PEPE

Seu Carlos!

SEU CARLOS

...ma. (pausa) O que foi, PEPE?

GUILL se apressa para sentar na estação de trabalho, ao lado de PEPE.

PEPE

Não dá pra trabalhar direito nessa máquina. De vez em quando ela emperra e você tem que tirar

(continua)

(CONTINUA)

PEPE (continua)
assim com a mão, precisa dar um
jeito nisso.

SEU CARLOS
Pepe, fique quieto e faça suas
peças que quem decide sobre a
manutenção das máquinas aqui sou
eu. Tá tudo em ordem, não tem
nada pra você ficar reclamando.
Faça seu trabalho direito.

GUILL senta ao lado de PEPE.

PEPE
Sim, senhor!

PEPE destrava a agulha emperrada e liga a máquina.

PEPE
(baixo, para GUILL)
Você está bem?

GUILL
(baixo)
Obrigada, Pepe... esse filho da
puta.

PEPE
Não esquenta, cumpre sua meta
direitinho hoje.

SEU CARLOS está com maços de dinheiro na mão e passa em
cada estação, pagando os salários.

GUILL
Como tá seu sobrinho?

PEPE
Tá a mesma coisa... Eu só tô
chateado porque a minha irmã
perdeu uma oportunidade boa de
emprego por causa do menino, que
não pode viajar doente assim. Ia
trabalhar com uma moça muito boa
que eu conheço, dona Sandra, pra
servir as pessoas em festa chique
e ganhar melhor do que aqui... A
dona Sandra queria que ela fosse,
mas não deu.

SEU CARLOS paga o salário de PEPE.

SEU CARLOS
Tá falando demais, PEPE.
Trabalhando de menos e falando
demais.

SEU CARLOS chega à estação de GUILL. Conta o dinheiro em sua frente e na hora que vai entregar, tira uma nota de R\$50 de volta.

SEU CARLOS
É pra ver se ajuda a te lembrar
do horário.

58 INT. APT DE ROSA/SALA - NOITE

GUILL entra em casa com duas sacolas de compras de mercado. ROSA está assistindo televisão na sala. GUILL pendura a bolsa.

GUILL
Olá, olá.

ROSA
Oi, GUILL, como foi o dia hoje?
Saiu tão cedo que nem te vi.

GUILL entra na cozinha.

GUILL
(off)
Fui visitar um apartamento antes
do trabalho.

ROSA
E aí, alguma coisa que valha a
pena?

GUILL volta para a sala.

GUILL
Tá difícil, minha amiga. É tudo
muito caro, ou muito longe.

ROSA
Esse de hoje não era aquele
baratinho e perto do seu
trabalho?

GUILL
Muito detonado, impossível de
morar ali sem gastar uma grana
pra ajeitar. (pausa) E no fim das
contas, mesmo sendo perto do
trabalho, cheguei fora do
horário.

ROSA
Ih, amiga, e aí?

GUILL

E aí que tomei um esporro na frente de todo mundo. O filho da puta fez questão de me humilhar em voz alta. E ainda me descontou parte do salário, que era pra ser a boa notícia do dia.

ROSA

Escroto!

GUILL

Pois é.

GUILL tira o dinheiro da bolsa que está pendurada.

GUILL

Aqui, minha amiga, eu já estou há tempo demais aqui. Pra te ajudar com as contas.

ROSA

De jeito nenhum. Já te falei que você fica o quanto precisar. Eu sei que você tá correndo atrás. Não quero dinheiro seu. Você tá aqui na minha casa porque você é minha amiga, Guill.

GUILL

Não é assim, Rosa, não é justo e eu me sinto mal.

GUILL vai até o móvel da TV e coloca o dinheiro embaixo de um peso de papel.

GUILL

Tá aqui, é seu.

ROSA

Vai ficar aí.

GUILL entra na cozinha.

59

INT. APT DE ROSA/COZINHA - NOITE

Enquanto come um pão e bebe café, GUILL abre o jornal que está em cima da mesa e vê que já riscou a maioria dos anúncios nos classificados. Bate o jornal com força em cima do móvel.

60 EXT. APT DE RENE/TERRACO - NOITE

Já é bem tarde da noite e RENÉ está fotografando no terraço do apartamento, agora munido de um tripé. As ruas estão vazias e ele fotografa alguns apartamentos. De repente, apontando a câmera para a rua com o zoom máximo, RENÉ vê as pernas de uma pessoa andando, de calça jeans e tênis. Agora só podemos ver a reação de RENÉ, que sorri e faz alguns cliques como quem acompanha com a câmera. De repente ele muda de expressão, franzindo a testa, se assusta e leva as mãos à cabeça.

RENÉ

Putá que pariu!

RENÉ larga a câmera no tripé e sai apressado.

61 INT. PREDIO DE RENE/GARAGEM - NOITE

RENÉ liga o carro e sai pelo portão da garagem.

62 EXT. RUA DO PREDIO DE RENE - NOITE

RENÉ para o carro ao lado de uma escadaria íngreme e estreita, há um corpo no pé da escadaria, mas em nenhum momento podemos vê-lo direito, sendo impossível dizer se trata-se de um homem ou uma mulher. É possível notar apenas que usa calça jeans, blusa branca e tênis. RENÉ se aproxima do corpo e olha muito assustado. Tenta sacudir a pessoa, sem resposta. Olha para os lados e não vê ninguém. Pega o celular e liga.

RENÉ

Atende, atende, atende... merda!

RENÉ vai até o carro e abre a porta do banco de trás. Volta até o corpo e ergue pelos ombros, arrastando até o carro.

63 INT. CARRO DE RENE - NOITE

RENÉ está dirigindo aflito. O corpo está deitado no fundo do carro.

RENÉ

(ofegante)

Oi filha. (pausa) Liguei sim, você tá no hospital? (pausa) Porque eu tô precisando de você, tô chegando aí agora. (pausa) Não foi nada comigo, mas aconteceu sim.

64

INT. HOSPITAL SANTA INES/RECEPCAO - NOITE

RENÉ está sentado num banco na recepção do Hospital Santa Inês, tenso e com o olhar perdido. ANGÉLICA entra por uma porta metálica dupla de empurrar e caminha com passos firmes até RENÉ.

RENÉ

E aí?

ANGÉLICA

(suspira)

Você vai me prometer que nunca mais vai fazer uma loucura dessas, meu pai. Você podia, aliás, você pode ser preso se alguma coisa acontecer, deus me livre, acontecer com ela. A responsabilidade não era sua e agora é. Você tinha que ter chamado a SAMU!

RENÉ

Eu te liguei pra saber o que fazer! Eu pensei em ligar pra SAMU mas o hospital é tão perto que eu não queria esperar. Ficar vendo a criatura morrer na minha frente assim, pelo amor de deus!

ANGÉLICA

Acontece que ela tá sem documento, sem carteira, plano de saúde, nada (contando nos dedos). Nem pelo SUS dá pra fazer, eu só consegui um primeiro socorro porque sou eu e porque foi você que trouxe. Eu tô me arriscando aqui.

RENÉ

E como é que ela tá?

ANGÉLICA

Tá viva. Tá desacordada. Agora, sem documentos a gente fica sem ter o que fazer.

RENÉ

Eu pago. Particular, eu pago.

ANGÉLICA faz uma cara de espanto.

ANGÉLICA

É o quê?! Isso pode sair muito caro, meu pai

(CONTINUA)

RENÉ

Não tem problema.

ANGÉLICA

Você tem culpa nisso? Fale a verdade.

RENÉ

Claro que não, Angélica. (pausa)
Eu sei lá, eu só quero ajudar.
Foi muito chocante pra mim ver
uma pessoa caindo assim de uma
escada e eu sem poder fazer nada.
Agora eu sinto que é uma
obrigação.

ANGÉLICA pega um pedaço de papel num bolso.

ANGÉLICA

É, você que sabe...

ANGÉLICA dá o papel para RENÉ.

ANGÉLICA

A única coisa que ela tinha no
bolso era esse papel. Então se
vai ajudar, ajuda direito.

RENÉ pega o papel e olha.

ANGÉLICA

Agora, se não achar a família a
gente tem a obrigação de avisar a
polícia.

65 INT. CLÍNICA DE ABORTO/ RECEPÇÃO - DIA

CLARA e NINA estão sentadas na recepção de uma clínica vazia. O lugar é antigo e não tem um aspecto de bem cuidado. A recepcionista está mexendo no celular. A porta da sala de cirurgia se abre, e DR SILVA estica a cabeça para fora. Grisalho, meio careca, de óculos e jaleco por cima de uma camisa pólo.

DR SILVA

Clara Azevedo!

CLARA e NINA se levantam.

DR SILVA

As duas são Clara Azevedo?

NINA fica imóvel. Se olham assustadas. CLARA caminha até a porta da sala de cirurgia. DR SILVA entra e deixa a porta aberta. CLARA entra e, antes de fechar a porta, olha para NINA, que retribui o olhar.

66 INT. CLINICA DE ABORTO/SALA DE CIRURGIA - DIA

CLARA entra numa sala fria e sem janelas, com uma maca no meio e uma luminária improvisada. Além do DR SILVA, que está sentado atrás de uma escrivaninha, uma AUXILIAR está em pé ao seu lado.

DR SILVA
(sorri)
Olá, Clara.

CLARA
Oi.

DR SILVA
(já sem sorrir)
Tire a roupa, deite na maca e abra as pernas.

CLARA obedece enquanto DR SILVA se levanta.

DR SILVA
Primeira vez?

CLARA
É... eu coloquei na ficha.

CLARA vê DR SILVA abrir uma gaveta com instrumentos que lhe parecem bastante rudimentares e artesanais, enquanto a auxiliar aplica uma anestesia local.

DR SILVA
Claro, claro. Quantos meses mesmo?

67 INT. CLINICA DE ABORTO/RECEPCAO - DIA

NINA está nervosa, olhando no relógio, enquanto a recepcionista ri, mexendo no celular. Ouve-se um gemido alto de dentro da sala.

68 INT. CLINICA DE ABORTO/SALA DE CIRURGIA - DIA

DR SILVA está debruçado sobre as pernas abertas de CLARA, fazendo o procedimento do aborto.

CLARA
AAAh!

DR SILVA
Calma, calma.

CLARA
Você tem certeza que a anestesia tá funcionando? Tá insuportável!

(CONTINUA)

DR SILVA

Dói um pouco mesmo (pausa) Tem
que ser forte (pausa)

CLARA

(com lágrimas escorrendo no
rosto)

Ah!!!

DR SILVA

Se não tivesse "procurado", não
estaria passando por isso, não é
mocinha?

CLARA vomita.

AUXILIAR

Êta porra...

69 INT. CLINICA DE ABORTO/RECEPCAO - DIA

Sentindo muita dor, CLARA sai da sala de cirurgia.

NINA

Ai, graças a deus... Vamos,
Clarinha. Você já tá liberada?

RECEPCIONISTA

Aqui os remédios que ela tem que
tomar, ó.

A RECEPCIONISTA entrega uma receita para NINA

70 EXT. RUA DA CLINICA - FIM DE TARDE

Um táxi passa na rua. CLARA está cambaleante, sendo
auxiliada a andar por NINA.

NINA

Táxi!

71 INT. FABRICA DE ROUPAS - DIA

As máquinas de costura estão trabalhando a todo vapor. Os
costureiros e costureiras estão muito concentrados e a
produção enche os olhos de SEU CARLOS, que caminha entre
as estações lentamente, observando o trabalho. De repente,
um grito interrompe a sinfonia das máquinas de costura.

COSTUREIRO

AAAAAHHHH!!!!

Todos olham para a estação de onde veio o grito.

(CONTINUA)

COSTUREIRO

Ahhh, minha mão!!! Merda!!

O barulho ensurdecedor das máquinas de costura dá lugar a um falatório geral misturado aos gritos do COSTUREIRO, enquanto alguns colegas levantam e se aproximam para ajudá-lo. GUILL, que está na estação ao lado da dele, fica imóvel, assustadíssima com o acidente feio

SEU CARLOS

Parou! Parou! Silêncio!!! O que aconteceu?

SEU CARLOS corre até a estação onde o COSTUREIRO se machucou.

SEU CARLOS

(baixo)

Puta merda...

(alto)

TODOS DE VOLTA AO TRABALHO, EU
VOU RESOLVER ISSO!

PEPE

Eu avsei! Eu avisei que essa
máquina tava com problema!

SEU CARLOS vê o tamanho do estrago e a mesa cheia de sangue.

SEU CARLOS

Tá todo mundo liberado! Vão
embora! Não quero mais ninguém
aqui hoje! Peguem suas coisas e
vão embora!

Em meio ao caos, GUILL fala com PEPE, que está inflamado com a situação.

GUILL

Pepe!

PEPE

Eu avisei ao filho da puta! Agora
deu merda!

GUILL

Pepe, eu preciso da sua ajuda,
por favor!

PEPE

O que foi, Guill?

GUILL

Aquele trabalho que a sua irmã
recusou. Eu quero. Você pode
falar com a sua amiga pra mim?

(CONTINUA)

PEPE

Mas agora?

SEU CARLOS

(gritando)

Todo mundo fora daqui!!!

GUILL

É, agora!

72

EXT. RUA DA FABRICA DE ROUPAS - MEIO DIA

GUILL caminha ao lado de PEPE, que está falando ao celular.

PEPE

Sim, senhora. (pausa) Eu explico.
(pausa) Pode deixar. (pausa) Dona
Sandra, muito obrigado. Espero
que dê tudo certo. (pausa) Até
logo!

GUILL está ansiosa.

PEPE

É o seguinte... ela tá precisando
de uma pessoa lá, sim, mas não é
um trabalho fixo. Você ganha por
buffet, quer dizer, por jantar ou
almoço que trabalhar. Dá pra
tirar até uns mil por mês ou
mais.

GUILL

Que maravilha, diga a ela que eu
vou!

PEPE

O problema é que os jantares
desse mês ela tá fechando um
grupo de ajudantes, e o primeiro
já é hoje, você teria que estar
lá hoje, Guill...

GUILL

Que horas?

PEPE

Geralmente é às 22h, mas você vai
assim, na doida?

GUILL dá um abraço e um beijo no rosto de PEPE.

GUILL

Vou!

GUILL vai saindo apressada.

(CONTINUA)

PEPE

Guill!

GUILL vira.

GUILL

Oi!

PEPE

(rindo)

Como é que você pretende chegar
lá sem saber onde é?

73 INT. APT DE ROSA - DIA

GUILL entra no apto de ROSA com muita pressa. Vai até o banheiro e volta com uma necessaire, fechando o zíper. Guarda na mala. Vai até o quarto de ROSA, volta com uma pilha de roupas e guarda na mala. Vai até a cozinha, prepara um sanduíche e volta para a sala. Deixa o sanduíche em cima do móvel da TV, vai até o peso de papel e pega o dinheiro que tinha guardado. Para um instante, abre a gaveta do móvel, pega papel e caneta, escreve um bilhete "Rosa, tive que ir. Te ligo mais tarde. Obrigada por tudo. Guill" e coloca embaixo do peso de papel. Fecha a mala, pega a bolsa e sai.

74 INT. AEROPORTO/GUICHE DE ATENDIMENTO - DIA

No balcão de vendas do aeroporto, GUILL conta o dinheiro que tem e dá quase todo, sobrando apenas 50 reais. Pega a passagem e vê que o voo está marcado para chegar às 21h em SSA.

75 INT. AEROPORTO/SALA DE EMBARQUE - NOITE

GUILL está sentada e vê uma criança passar comendo um sanduíche e tomando refrigerante. Abre a bolsa e procura o sanduíche que fez, sem sucesso.

GUILL

Mas que merda!

A criança arrotou. GUILL abre a carteira e vê apenas 50 reais. Olha na TV do aeroporto e vê que o seu voo está atrasado, então pega um cartão telefônico na carteira, se levanta e vai até um telefone público. GUILL está na fila do telefone quando ouve-se a voz do aeroporto chamar "embarque imediato" para o seu voo. GUILL sai da fila e aperta o passo para o portão de embarque.

76 EXT. SAIDA DO HOSPITAL SANTA INES - AMANHECENDO

RENÉ sai do hospital Santa Inês com o passo apertado, mexendo no celular, segurando o papelzinho que ANGÉLICA lhe deu na outra mão. Coloca o celular no ouvido enquanto caminha até o carro. Tira o celular do ouvido.

RENÉ

Droga!

RENÉ entra no carro.

77 INT. APT DE RENE/SALA - DIA

RENÉ está sentado no sofá de casa, com um notebook no colo, onde está acessando o Google Maps. Olha no papelzinho, escreve o endereço e vê o caminho traçado na tela.

78 EXT. - CASA DE SANDRA - DIA

RENÉ chega à portaria de um condomínio de luxo, estaciona o carro na porta e vai até o interfone.

PORTEIRO

(via interfone)

Pois não?

RENÉ

Bom dia, eu queria falar com o morador do numero 153, por favor.

PORTEIRO

Você quer falar com quem, senhor?

RENÉ

Com o dono da casa.

PORTEIRO

Quem gostaria?

RENÉ

René.

PORTEIRO

De onde?

RENÉ

René César.

PORTEIRO

... só um minuto.

O interfone chama.

(CONTINUA)

PORTEIRO

Pode puxar esse telefone do gancho.

RENÉ

Alô? (pausa) Alô? Oi, bom dia. Desculpe incomodar, você não me conhece, mas é uma emergência. (pausa) não, não é dinheiro, escute, por favor. (pausa) Eu tentei te ligar mais cedo, no 9413-4677 (pausa) isso, eu vim aqui porque você não atendeu. (pausa) Calma, não desligue, deixe eu explicar. Eu peguei seu número e endereço com uma mulher que está hospitalizada. (pausa) Não é golpe, eu não quero dinheiro. Não desligue.

RENÉ bate o interfone.

RENÉ

Merda!

Sai andando para o carro, com raiva. Chega na porta do carro e fica parado olhando pra cima com as mãos na cabeça. De repente, ouve o porteiro chamar.

PORTEIRO

Senhor René! Pegue o interfone aqui, por favor.

RENÉ volta correndo e pega o interfone.

RENÉ

Alô?? (pausa) sim, isso! (pausa) quero, sim, claro!

RENÉ pega o celular.

RENÉ

Pode falar que eu anoto.

79

INT. CASA DE CLARA/QUARTO DE CLARA - DIA

CLARA está sentada na escrivaninha do seu quarto escrevendo um bilhete: "Pai, vou viajar com a Nina por uns dias, estou precisando. Desculpe a surpresa. Um beijo, Clá". Levanta-se, abre o armário e pega uma lata de biscoito na prateleira mais alta. Abre a lata e pega todo o dinheiro que tem dentro. Guarda a lata de volta. Pega o bilhete, a mochila cheia que está em cima da cama e sai do quarto.

80 INT. CASA DE CLARA/QUARTO DO PAI - DIA

CLARA deixa o bilhete na cabeceira da cama do pai, embaixo de uma escultura de madeira de um violão, ao lado de um porta-retrato onde tem uma foto de Clara com a mãe e o pai.

81 EXT. PORTA DA CASA DE CLARA - DIA

CLARA sai de casa com a mochila nas costas e entra num táxi onde está NINA. CLARA está muito aflita e abraça NINA, sem dizer nada. Dá um papel com um endereço para o taxista.

CLARA

Sabe onde fica esse endereço aí,
moço?

Sem responder, o taxista acelera o carro enquanto CLARA, de mãos dadas com NINA, observa pela janela do carro um pássaro preso numa gaiola, na varanda de um prédio.

82 INT. CASA DE SANDRA/SALA - NOITE

Um celular está em cima de uma mesa vibrando e ninguém atende. No fundo, barulho de festa e garçonetes fardadas passando.

83 INT. AEROPORTO DE SALVADOR/AREA DE DESEMBARQUE - NOITE

GUILL está com o gancho de um telefone público no ouvido, impaciente desliga o telefone, tira o cartão telefônico do orelhão, guarda na carteira, guarda a carteira na bolsa e sai resmungando, puxando sua mala. Para um SEGURANÇA que está passando.

GUILL

Por favor, onde que eu consigo
pegar um ônibus aqui?

SEGURANÇA

Ah, só lá fora... (aponta com o
dedo) lá embaixo. E essa hora eu
não sei, não, viu?

GUILL

E táxi?

SEGURANÇA

Tem aqueles guichês de preço
fixo, e lá fora é no taxímetro.

(CONTINUA)

GUILL

Obrigada.

GUILL vai até a fila do guichê do taxi, quando é abordada por um motorista de táxi clandestino.

TAXISTA CLANDESTINO

Táxi, senhora?

GUILL

Não é aqui nessa fila?

TAXISTA CLANDESTINO

Aí é mais caro, senhora. Aqui comigo no particular você tem o mesmo serviço por um preço melhor que do taxímetro e a gente é de confiança. A senhora vai pra onde?

GUILL abre a bolsa e procura, mas não acha nada. Força a memória.

GUILL

Acho que é Rua das Araras.

TAXISTA CLANDESTINO

Oxe, eu sei onde é. Faço por 60 reais pra você.

GUILL

Eu só tenho 50.

TAXISTA CLANDESTINO

(rindo)

Tá certo, vamo.

84 EXT. LADO DE FORA DO AEROPORTO - NOITE

GUILL e o TAXISTA CLANDESTINO estão caminhando do lado de fora do aeroporto.

TAXISTA CLANDESTINO

Aqui a gente tem que parar um pouquinho longe, porque se não já viu, né?

GUILL está ofegante e cabisbaixa. O TAXISTA CLANDESTINO para e destrava o carro.

TAXISTA CLANDESTINO

É esse aqui.

GUILL abre a porta de trás, e quando tenta levantar a mala fica tonta e não consegue.

(CONTINUA)

TAXISTA CLANDESTINO

(rindo)

Êta, já vai, é? Tá passando mal?

GUILL

Não, é que eu tenho pressão baixa e não comi nada hoje ainda, mas tô bem. Você tem sal aí?

TAXISTA CLANDESTINO

Sal? Eu não.

85 INT. UNIVERSIDADE/CANTINA - DIA

CLARA e NINA estão na cantina da faculdade, sentadas numa mesa. NINA toma um suco e CLARA come um salgado e bebe refrigerante.

NINA

Clarinha, eu sei que é um assunto escroto, mas... já faz mais de um mês que você não fala nada, eu queria saber se posso ajudar...

CLARA segura o salgado com força, sem olhar para NINA, enquanto bate a lata de refrigerante ritimadamente na mesa.

CLARA

Ajudar mesmo... Só se você souber como que faz pra voltar no tempo, Nina.

CLARA olha nos olhos de NINA.

CLARA

De resto, é só ficar por perto. Sua companhia me faz um bem danado...

NINA

E a investigação, a quantas anda?

CLARA vira os olhos e dá uma mordida no salgado.

CLARA

Uma burocracia dos infernos. Essa coisa da universidade estar envolvida devia ajudar, mas parece que só atrapalha, porque se torna uma investigação federal.

CLARA faz uma cara de nojo.

(CONTINUA)

NINA
Mas você acha que...

CLARA
...acho que vou vomit-

CLARA vira o rosto para o lado e vomita no chão.

86 INT. CASA DE CLARA/BANHEIRO - NOITE/HORAS DEPOIS

CLARA está no banheiro da sua casa, de camisola de algodão, sentada na privada, olhando para um teste de gravidez. Começa a balançar a perna cada vez mais nervosa, seu rosto começa a ficar vermelho e os olhos enchem de lágrima. Ela se levanta de vez e derruba tudo que está em cima da pia, caindo no chão também.

CLARA
NÃO!!!! NÃÃÃO! NÃO!!!! NÃO...

87 INT. APT DE RENÉ/SALA - DIA

RENÉ está em casa, falando ao celular sentado no sofá.

RENÉ
Muito obrigado. Que bom que conseguimos nos falar, (pausa) ...que cheguei até você. (pausa) Claro. Assim que tiver alguma novidade, aviso. (pausa) Ela vai ficar boa, tenho certeza. (pausa) Outro. Tchau.

RENÉ para uns instantes olhando para o vazio e se levanta do sofá. Pega um livro na estante e uma caixa no rack da sala, coloca em cima da mesa e abre. Dentro da caixa, um saquinho e várias fotografias espalhadas da vizinhança, que RENÉ vem tirando nos últimos dias. Ele começa a separar algumas fotografias e abre o saquinho. Dentro, as fotos antigas queimadas, que revelou.

88 EXT. CAMPUS UNIV/ESTACIONAMENTO - NOITE

CLARA está saindo do prédio da Escola de Teatro, conversando com seu professor, após o término da aula da noite.

CLARA
Eu entendo o que você quer dizer, mas é um conceito que não dialoga com o que me toca de verdade. É muito abstrato pra mim. Acho até interessante de aprender, mas não é o que me inspira, sabe?

PROFESSOR

E o que é que te inspira, Clara?

CLARA fica sem graça.

CLARA

Ah, não sei, muitas coisas.

O PROFESSOR para ao lado de um carro.

PROFESSOR

É o meu carro, esse aqui, você quer uma carona?

CLARA

Não, obrigada.

PROFESSOR

Eu te deixo no ponto, não é nenhum trabalho.

CLARA começa a andar.

CLARA

Obrigada, professor, mas eu entro aqui pelo prédio de matemática e já saio lá na frente.

PROFESSOR

Ok! Até semana que vem!

CLARA

Tchau. Até!

O PROFESSOR liga o carro e sai.

89 INT. PRÉDIO DE MATEMÁTICA/PATIO - NOITE

RENÉ está falando ao celular, no pátio vazio do Instituto de Matemática da Universidade.

RENÉ

Oi, filha... e aí, vamos sair mesmo hoje? (pausa) É... tô saindo já, te falei que ia ter que trancar o prédio hoje às 22h.

RENÉ olha no relógio. São 21h45.

RENÉ

Ótimo, filha! e hoje é dia de comemorar, porque eu fechei a compra do apartamento! (pausa) hahaha, isso! aquele com a cobertura. Já posso me mudar semana que vem!

(CONTINUA)

RENÉ vai andando até a saída do prédio.

RENÉ

Então tá bom, já tô saindo, te ligo daqui a pouco. Um beijo!

Desliga o celular e sai do prédio.

90

EXT. INSTITUTO DE MATEMATICA - NOITE

RENÉ tranca a porta do prédio, e quando se vira tem dois alunos que chegam correndo e sem querer assustam RENÉ.

ALUNO

Não, não! Abre aí, por favor!

RENÉ

Não tá tendo mais aula, não tem mais ninguém no prédio.

ALUNO

Mas a saída pra rua fica aberta, a gente só quer passar pra não ter que dar a volta!

RENÉ

Ah, tudo bem.

RENÉ abre a porta, os alunos passam, ele fecha e tranca de novo. Olha no relógio, são 21h50. Olha para os lados, não vê ninguém e sai andando em direção ao estacionamento. Seu celular toca e ele atende.

RENÉ

Oi filha... já...

CLARA passa por RENÉ sem que ele perceba, e vai andando até o prédio de matemática. CLARA tenta abrir a porta, mas está trancada.

CLARA

Putá que pariu!

CLARA olha para os lados e não vê ninguém. Começa a andar em outra direção, dando a volta no prédio. Segura firme na mochila e aperta o passo. O caminho começa a ficar escuro e CLARA está quase correndo de tão rápido que anda. De repente, é agarrada por trás por um homem forte e baixo, que tapa a sua boca. CLARA tenta se desvencilhar, sem sucesso, e começa a tentar gritar e morder o homem.

ESTUPRADOR

Sh... quieta. Quieta! Se resistir vai ser pior, eu vou te cortar toda. Fique quietinha, sua putinha.

O homem empurra CLARA com força contra a janela do prédio e a mantém segura pelos cabelos.

91 INT. INSTITUTO DE MATEMÁTICA - NOITE

O rosto de CLARA está colado no vidro da janela pelo lado de fora do prédio. Ela tenta se desvencilhar do homem, sem sucesso, e os seus gritos e respiração ofegante embaçam o vidro. De repente, CLARA é puxada para trás e o seu rosto some. Os seus gritos abafados se distanciam ao passo que a janela desembaça.

92 INT. TAXI - NOITE

GUILL e o TAXISTA CLANDESTINO estão muito nervosos dentro do carro, pois não encontram o número indicado no endereço. GUILL segura um bilhete (o mesmo que RENÉ recebe de ANGÉLICA) nas mãos.

TAXISTA CLANDESTINO

A gente já passou por aqui duas vezes, senhora, não tem número 153 nessa rua, você não tá vendo?

GUILL

Mas tem muitos prédios aqui, pode ser que a gente tenha passado.

TAXISTA CLANDESTINO

Você me pediu pra vir até aqui, eu te trouxe, ainda fiz um desconto. Não posso fazer mais nada por você, só lamento. Se pique do meu carro.

GUILL

Não, pelo amor de deus!

TAXISTA CLANDESTINO

Saia do meu carro agora ou eu te boto pra fora, vá.

GUILL

(desesperada)

Mas eu não tenho mais nada de dinheiro aqui, o que é que eu vou fazer, moço?

TAXISTA CLANDESTINO

Se você não sabe falar português e me deu o nome errado da rua, o problema é seu. Agora são mais de onze horas da noite e eu não vou ficar feito puta rodando aqui nessa ladeira. (pausa) Saia agora!

GUILL salta do carro com a mala e o taxista arranca o carro.

93 EXT. RUA - NOITE

GUILL desce a ladeira puxando sua mala, olhando para os prédios, procurando. A rua está deserta e não é muito bem iluminada. Ela vê um orelhão e tenta ligar de novo para Sandra, mas quando ela atende, o cartão de GUILL acaba os créditos. GUILL resolve subir a ladeira de novo e guarda o papel com o número de Sandra no bolso da calça e coloca a bolsa dentro da mala de viagem, para aliviar o peso. Sobe outra ladeira ao lado, arrastando a mala.

94 EXT. RUA - NOITE/MINUTOS DEPOIS

GUILL está sozinha na rua, desesperada, olhando para todos os lados sem saber o que fazer. Dá um grito bem alto e fica tonta. Senta-se no chão para recuperar o equilíbrio. Vê a oferenda de CLARA (prato de comida) numa esquina, levanta-se e anda até o prato. Analisa e vê que é comida recém feita.

GUILL
Obrigada, meu deus!

GUILL tira as pimentas e come a comida no prato com gosto, se levanta e sai arrastando a mala. Arrota e limpa a boca com a manga da camisa. Começa a escurecer a visão e a vertigem não melhora. GUILL se desequilibra ao lado de uma escada estreita que divide dois edifícios. Ainda tenta segurar no corrimão para não cair mas tropeça e rola escada abaixo. Sua mala fica solta na ladeira e vai descendo em direção perpendicular. GUILL fica estendida no chão.

95 INT. HOSPITAL SANTA INES/QUARTO - DIA

RENÉ está sentado num quarto de hospital ao lado de GUILL, que está deitada na cama, desacordada. Ele está lendo para ela um conto do livro "Mulheres que correm com os lobos". Termina a história e fecha o livro.

RENÉ
Adoro esse livro, era da minha mãe. Eu morava com ela até dois meses atrás, mas ela morreu.

RENÉ pega as fotos pra mostrar a GUILL.

RENÉ
Não tenho foto da minha mãe aqui, mas tenho umas fotos que eu tirei. (pausa) Eu fico tirando
(continua)

(CONTINUA)

RENÉ (continua)
fotos da minha casa que dá pra um
monte de prédio e rua.

RENÉ passa pelas fotos dos vizinhos.

RENÉ
As pessoas fazem muita coisa
engraçada e interessante dentro
de suas casas, e eu não tinha nem
ideia. Gosto de subir no terraço
e ficar registrando essas
intimidades. Foi assim que eu te
achei.

RENÉ olha para GUILL e passa para a foto seguinte. É uma
das fotos manchadas do filme antigo, onde estão ele,
Angélica quando bebê, e Simone. Os olhos de RENÉ marejam.

RENÉ
Essa daqui... essa não fui eu
quem tirou. Eu estou nessa foto
com a minha filha, quando nem
tinha feito um ano ainda. É esse
bebê na foto que está cuidando de
você aqui, a Angélica. E tem uma
mulher do nosso lado... é a mãe
dela. Essa mulher meio apagada
pelo queimado da foto (pausa)
abandonou a gente, assim sem mais
nem menos, umas duas semanas
depois dessa foto. Acho que foi
morar com outro cara, em outro
país, só sei que nunca mais
apareceu.

ANGÉLICA bate no vidro que separa o quarto do corredor e
sinaliza que o tempo de visita acabou.

96 INT. HOSPITAL SANTA INES/CORREDOR - DIA

Saindo do quarto, RENÉ dá a foto de família para ANGÉLICA,
que leva as mãos ao rosto e se emociona, pois nunca havia
visto uma foto dela junto com sua mãe.

97 EXT. TERRAÇO DE RENÉ - FIM DE TARDE

RENÉ está chegando ao terraço subindo as escadas
arrastando a mala com as recordações de Simone. Arrasta a
mala até a beira e senta ao lado da mala. Abre a mala e
começa a olhar as fotos e os papéis. Começa a rasgar tudo
e jogar na rua. Começa a chorar e ficar com raiva,
rasgando as coisas com força. Joga as peças de roupa, abre
a caixa com a gargantilha, segura a gargantilha de metal e
fica olhando. Coloca no pescoço. Dá um grito muito alto,

quebra a gargantilha do pescoço e joga longe. De repente, ouve um barulho de curto circuito.

98 INT. ONIBUS - DIA

CLARA, NINA e DIOGO estão de roupa de banho no ônibus, de cabelos molhados.

NINA

Ai, que bom que a gente foi. Eu adoro ir à praia. Pra mim fica sempre essa sensação assim de "que bom que eu fui", sabe? Pra mim ir à praia é sempre uma boa ideia.

DIOGO

Quando você tem tinta no corpo todo é uma ótima ideia, mesmo!

CLARA

(rindo, olhando o mar pela janela)

O trote foi legal... (pausa) Eu amo o mar, sabia? Sei lá, quando eu entro na água sinto como se tivesse ligada ao mundo inteiro, porque os oceanos são assim, todos emendados uns nos outros, aí eu fecho o olho e penso que fui boiando até a Índia, Madagascar, sei lá...

99 INT. ESTUDIO DE TATUAGEM - DIA

CLARA, NINA e DIOGO estão num estúdio de tatuagem. NINA olha os piercings na vitrine enquanto CLARA orienta o tatuador que faz o esboço de um desenho no papel, e DIOGO folheia uma pasta com tatuagens prontas de tribal e dragões.

DIOGO

Aff, só tem coisa feia aqui... e aí, Clara, vai fazer mesmo?

CLARA

Vou, sim. Pantera tá ajeitando o desenho aqui.

DIOGO

Deixe eu ver... olha, que bonito! O que é isso?

(CONTINUA)

CLARA

É um símbolo africano, se chama Sankofa.

DIOGO

Que máximo! Eu sou do candomblé, e esse símbolo eu nunca vi! Deve ser de outra religião.

NINA

Significa o quê?

CLARA

Que a gente tem que buscar as coisas no passado pra seguir em frente com os problemas no presente... Volte e pegue. Alguma coisa assim. Me lembra a minha mãe, ela estudava símbolos africanos em São Paulo.

NINA

E sua mãe não veio pra Salvador com você?

CLARA

Ela morreu. Tem um ano e pouco, já... Foi por isso que a gente veio, na verdade.

Os amigos de CLARA consolam ela.

100

INT. CASA DE CLARA/SALA DE JANTAR - NOITE

CLARA está sentada na mesa de jantar com o pai, MARCOS, vestindo uma blusa que deixa parte do plástico que envolve a tatuagem aparecendo.

MARCOS

Clá, como foi sua aula hoje? Passou quase o dia todo na faculdade!

CLARA

Ah, pai, não passei o dia todo na faculdade né. Teve trote hoje, aí a gente foi na praia depois.

CLARA puxa a manga da blusa pra baixo.

MARCOS

O que é isso?

Envergonhada, CLARA levanta a manga e mostra a tatuagem.

(CONTINUA)

MARCOS

Pra quê foi fazer um negócio desses... Ah, meu deus! Sem sua mãe aqui fica difícil, viu!

CLARA

Mas eu fiz em homenagem a ela, pai, olha, é um Sankofa.

MARCOS ignora a tatuagem.

MARCOS

E como estão as aulas?

CLARA

Só tive algumas até agora. Tô achando legal.

MARCOS

Aula de quê, aprendeu alguma coisa já ou só tá ficando mais descoladinha?

CLARA

Para, pai... Tem uma aula que tô muito ansiosa pra ter que é a de dramaturgia! Uma pena que é à noite.

MARCOS

Filha, tome muito cuidado nesse campus, viu? À noite fica muito perigoso.

CLARA

Eu já tô sabendo de um atalho que eu quase não ando pela parte externo campus, só por dentro dos prédios!

101 INT. BAR - NOITE

RENÉ está num bar com amigos, quando seu celular toca.

RENÉ

Oi, filha! (pausa) O quê?! Tô indo praí agora!

102 INT. HOSPITAL SANTA INES/QUARTO - NOITE

RENÉ entra no quarto e GUILL está acordada. Sorriem um para o outro.

(CONTINUA)

RENÉ

Olá, Guillermina. Como se sente?

GUILL começa a chorar.

GUILL

Muito obrigado... eu não sei como agradecer...

RENÉ

Tem algum lugar que eu possa te levar?

GUILL

Eu não tenho pra onde ir.

RENÉ

Você pode reunir seus documentos e se recuperar na minha casa, se quiser... não tem problema.

Sorriem.

103 EXT. PRAIA - DIA

CLARA, NINA e DIOGO estão se divertindo na praia. CLARA entra no mar, fecha os olhos e começa a boiar.

Considerações finais

Entre a ideia inicial e o fade out, o caminho percorrido na elaboração de Janela de Sankofa foi longo, trabalhoso e gratificante. A versão do roteiro aqui apresentada sofreu diversas alterações, ora guiadas pelos encontros de orientação, ora confrontadas com a vontade de ser verossímil nos assuntos abordados. Durante o processo de construção do roteiro tive a oportunidade de pela primeira vez visitar um terreiro de candomblé de mais de 300 anos, situado na cidade de Cachoeira, e conversar com um Ogã sobre a história que estava desenvolvendo. Com o objetivo de enriquecer os detalhes e reduzir as impressões estereotipadas sobre a religião, tive experiências incríveis. Num outro momento, pude conversar com uma forte mulher que sofreu na pele o atendimento absurdo dos hospitais às recém-abortadas, e com outra que passou pela experiência dolorosa de tirar o feto numa clínica clandestina. Inúmeras foram as pesquisas sobre as fábricas clandestinas de roupa em São Paulo e as histórias dos trabalhadores que ali ganham a sua vida. Não menos importantes foram as conversas com uma prima enfermeira sobre a rotina dos hospitais. Além disso, me foi extremamente engrandecedor tudo o que li sobre as infinitas possibilidades de se contar uma história numa tela, e sobre a importância dos processos e etapas no desenvolvimento de um roteiro audiovisual. Concluo meu curso na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia com orgulho do trabalho que fiz, visando maturar o roteiro ainda mais a fim de submetê-lo aos editais de financiamento que virão este ano.

Referências Bibliográficas

- ARONSON, Linda. **The 21st century screenplay**: a comprehensive guide to writing tomorrow's films. Austrália: Allen & Unwin, 2010.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro** – Edição revisada e atualizada, com exercícios práticos. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- FIELD, Syd. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GUIMARÃES, Roberto Lyrio Duarte. **Primeiro Traço**: Manual descomplicado de roteiro. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiros. Curitiba: Arte & Letra, 2006.